



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ANDREIA DAMA DOS SANTOS BATICAM

**O IMPACTO DO DISCURSO POLÍTICO ÉTNICO-RELIGIOSO DURANTE AS
CAMPANHAS ELEITORAIS NA GUINÉ-BISSAU A PARTIR DE 2019**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

ANDREIA DAMA DOS SANTOS BATICAM

**O IMPACTO DO DISCURSO POLÍTICO ÉTNICO-RELIGIOSO DURANTE AS
CAMPANHAS ELEITORAIS NA GUINÉ-BISSAU A PARTIR DE 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação Licenciatura em Letras -
Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e
Letras dos Malês da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B335i

Baticam, Andreia Dama dos Santos.

O impacto do discurso político étnico-religioso durante as campanhas eleitorais na Guiné-Bissau a partir de 2019 / Andreia Dama dos Santos Baticam. - 2025.
58 f. : il., mapas, color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

1. Discursos de campanhas eleitorais - Guiné-Bissau. 2. Grupos étnicos - Atividades políticas. 3. Eleições - Guiné-Bissau - Aspectos religiosos. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869.50096657

ANDREIA DAMA DOS SANTOS BATICAM

**O IMPACTO DO DISCURSO POLÍTICO ÉTNICO-RELIGIOSO DURANTE AS
CAMPANHAS ELEITORAIS NA GUINÉ-BISSAU A PARTIR DE 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação - Licenciatura em Letras -
Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e
Letras do Campus dos Malês da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do
Título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em: 28/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre António Timbane (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Victor Martins de Sousa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Dedico este trabalho à mulher da minha vida,
Domingas António dos Santos, minha mãe,
in memoriam.

*Nha mamé ku sempre misti odjam formada,
ali bó sunhus torna realidade*

Tua força vive em mim, e sigo os teus
desejos com amor.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi resultado de um esforço coletivo, marcado pela dedicação e apoio de muitas pessoas especiais. Antes de tudo, agradeço ao meu Deus, por me conceder a vida trilhando o caminho de conhecimento até alcançar este título: Licenciada em Letras Língua-Portuguesa.

Com o coração cheio de gratidão, dedico minhas palavras a minha querida mãe, Domingas António dos Santos. Sua presença constante e sua luta diária foram fundamentais para que eu construísse uma base escolar sólida. Infelizmente, ela partiu deste mundo quando eu tinha apenas doze anos de idade. Que Deus a tenha em sua morada eterna.

Meus profundos agradecimentos vão também aos meus irmãos: Bawi, Euclides, Núeria e Victor (Jú). Vocês sempre foram o meu alicerce. Desde a infância, sempre ajudaram a nossa mãe a cuidar de mim. Vocês são verdadeiros seres de luz, e é impossível expressar pelas palavras o quanto significam para mim. Obrigada pelas ligações diárias, mesmo à distância, aqui no Brasil.

À minha tia/mãe, Maria de Lourdes Pina, que cuidou de mim desde o desaparecimento físico da minha mãe, não há vocábulos que sejam suficientes para expressar a minha consideração ímpar por esta senhora. Esteve ao meu lado, guiando-me com sabedoria, mesmo quando precisou impor os limites e dizer “não”.

Agradeço o meu meritíssimo tio Álvaro Domingos Baticam, por ter me ajudado a chegar ao Brasil para estudar. Foi ele que me motivou a vir estudar no Brasil. Não há como expressar, o quanto sou muito grata para este senhor. Obrigada por ser um verdadeiro suporte em minha formação acadêmica e pessoal.

Deixo aqui o meu profundo reconhecimento ao João Antônio Nola, marido da tia Lourdes, por me acolher muito bem em sua casa. Sou imensamente grata aos meus primos: Buntum, Noy, Dú e Aécio, muito obrigada pela convivência, aprendizado durante anos na casa da nossa mãe Lourdes.

Com carinho e gratidão agradeço os meus tios Gilberto Antônio dos Santos, Gonçalves Antônio dos Santos, Elica Sanca, Suzete Antônio dos Santos, Xavier Sanca e Silvano Antônio dos Santos: vocês contribuíram muito para a minha educação.

Registro aqui a minha gratidão à tia Teresa Baticam, mulher que me deu o nome de Bampatchy, gratidão imensa.

Levo comigo um profundo sentimento de agradecimento a Auzenda Victor Có pelo acolhimento em sua casa durante os meus primeiros seis meses no Brasil.

Rendo minha homenagem e meus sinceros agradecimentos ao meu querido orientador, Professor Doutor Carlos Maroto Guerola. A nossa conexão teve início no meu primeiro semestre, quando fui sua aluna de Leitura e Produção do Texto. Desde então, sua presença foi marcante em minha trajetória. Obrigada por contribuir de forma tão generosa para a construção desta monografia.

Reconheço, com respeito e gratidão, todo o apoio recebido da Helcim Danamon Fernando Fernandes, você foi meu suporte em São Francisco do Conde. Sempre estive ao meu lado. Sua presença constante na minha vida foi um verdadeiro amparo de uma irmã mais velha no estrangeiro.

Agradeço de coração o Seco Camará pela convivência na mesma casa durante os anos de estudo. Um obrigado especial ao Gilson Graciano Dos Santos, meu primo; a Simão Tamba Quadé, meu grandíssimo amigo, Emilio Lima, meu mano: sou muito grata a todos vós. A Valentina Fernando Sá, Laércia Pereira Baptista, Okinka Indjai Cardoso, Enimesia da Costa, minhas afilhadas que o Brasil me deu de presente, gratidão imensa.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha empreitada acadêmica, aos meus colegas, professores e toda equipe da Unilab.

RESUMO

O presente trabalho investiga como os discursos políticos étnicos-religiosos são usados durante os pleitos eleitorais na Guiné-Bissau para conquistar votos. Nesta pesquisa, discute-se o processo democrático guineense que deu fim ao regime do partido único que governava o país desde a proclamação unilateral da independência, que ocorreu no dia 24 de setembro de 1973 na Madina de Boé, no sul do país, até a abertura democrática que culminou com a primeira eleição democrática/multipartidária em 1994. A pesquisa buscou compreender as ferramentas linguísticas que são utilizadas pelos líderes políticos para reforçarem as suas identidades em diferentes localidades nos pleitos eleitorais e as indumentárias usadas. A nossa pesquisa tem como objetivo, assim, oferecer uma reflexão em torno do surgimento e manutenção dos discursos políticos étnico religioso durante as campanhas eleitorais na Guiné-Bissau, particularmente a partir de 2019. Antes da chegada dos colonizadores, a Guiné-Bissau já possuía uma estrutura social própria e praticava religiões de matriz africana. Com a colonização, a religião cristã e o islão foram impostas como instrumento de denominação e controle cultural. A metodologia usada foi a análise de um corpus composto por fotografias e trechos de registros audiovisuais das campanhas dos dois candidatos durante o segundo turno da eleição de 2019, obtidos de diferentes páginas, perfis e postagens na rede social Facebook. Os resultados obtidos na realização desta pesquisa evidenciam que a roupa como discurso na política, na Guiné-Bissau, está associada a identidades culturais específicas, de modo que, em algumas figuras políticas guineenses, verifica-se a recorrência do uso personalizado de algum tipo de objeto como forma de marcar a sua identidade política em momentos de campanha eleitoral. Como marca/identidade política, isso permite ao candidato ser facilmente identificado pelos eleitores e contribui para o auge dos discursos de índole segregacionista/regionalizados tanto pelos próprios candidatos quanto pelos eleitores.

Palavras-chave: discursos de campanhas eleitorais - Guiné-Bissau; grupos étnicos - atividades políticas; eleições - Guiné-Bissau - aspectos religiosos.

REZUMU

Es tarbadju investiga kuma ku discursus pulíticus étnicu-religiosu tá usadu durante tempu di campanha eleitoral na Guiné-Bissau, pá n'ghanha votos. Na es mesmo pesquisa nó papia de kuma k processu de democracia cunsa. Tambi, i discutidu processu ku permiti kria mangas di partidos (democraticu) ku kaba ku rigimi di partidu unicu, ku governa ba país disna di proclamason di independência ku fassidu na Madina di Boé na sul di Terra na mis di setembru di anu 1994 até primeiru eleson ku aconteci na anu 1994. Es piskisa na buska n'tindi kal discursus i ku ropas ku puliticus/candidatus ta usa na campanha eleitoral pa mostra pubis el idi kal religion ou raça na tudu n'de ki na fassi nel cumíciu. Es piskisa tene suma objetivu di pensa kuma ku diskursu di religion ku raça kunsa i kuma ki kuntinua na campanhas eleitorais na Guiné-Bissau até dia di aós. Antis de colonizason, Guiné-Bissau tené badja si estrutura na sociedade i tá prática badja si religion, ki religion de matriz africanu. Mas ku contra ku colonizaduris tchiga, é tissi religion criston ku muçulmano suma forma de dominason ku controlo pa pubis. Na kil ku ta fala di caminhus ku nô ianda pa fassi es tarbadju, i fassidu analisi di curpus ku fotós di dus candidatos di eleson ku kurri na anu 2019ku 2023, na kê ki papia na cumicius i kil ku e pui na se redi social/facebook i di djintis ku stá sé trás. Resultadu ku odjadu nes piskisa mostra kuma, pulíticus guineenses tá usa ropas suma sê identidade pá mas ba tá lembra delis facilmente. Nó odja també de kuma discursu ô papia di raça ku religion na eleison na Guiné stá na dividi pubis, i tambi i ka bon kusa pa ganha votos. Na si kabantada, i ta mostranu kuma es discursus, mangas di bias i ta pui problema na djintis ku mama, n'de ku ermons kata bim papia pabia di es puliticus, tambi i dividi púbis n'de ku kada kim na fika pertu di djintis kê djunta raça.

Palabras tchabis: discursu di kampanha di eleison - Guiné-Bissau; grupu etniku - atividadu politikâs; eleições - Guiné-Bissau - aspéktu relijosu.

ABSTRACT

This paper investigates how ethnic-religious political discourse is used during election campaigns in Guinea-Bissau to win votes. This research discusses the Guinean democratic process that ended the single-party regime that had ruled the country since the unilateral declaration of independence on September 24, 1973, in Madina de Boé, in the south of the country, until the democratic opening that culminated in the first democratic/multiparty election in 1994. The research sought to understand the linguistic tools used by political leaders to reinforce their identities in different locations during election campaigns and the clothing worn. Our research thus aims to offer a reflection on the emergence and maintenance of ethnic-religious political discourse during election campaigns in Guinea-Bissau, particularly since 2019. Before the arrival of colonizers, Guinea-Bissau already had its own social structure and practiced African-based religions. With colonization, Christianity and Islam were imposed as instruments of cultural denomination and control. The methodology used was the analysis of a corpus composed of photographs and excerpts from audiovisual records of the campaigns of the two candidates during the second round of the 2019 election, obtained from different pages, profiles, and posts on the social network Facebook. The results obtained in this research show that clothing as discourse in politics in Guinea-Bissau is associated with specific cultural identities, so that, in some Guinean political figures, there is a recurrence of the personalized use of some type of object as a way of marking their political identity during election campaigns. As a political brand/identity, this allows candidates to be easily identified by voters and contributes to the rise of segregationist/regionalized discourse by both candidates and voters.

Keywords: campaign speeches - Guinea-Bissau; ethnic groups - political activities; elections - Guinea-Bissau - religious aspects.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APUP-DGB – Assembleia do povo Unido - Partido Democrático da Guiné-Bissau

BM – Banco Mundial

CNE – Comissão Nacional de Eleições

DSP – Domingos Simões Pereira

FMI – Fundo Monetária Internacional

LUSA – Agência Notícia de Portugal

MADEM G15 – Movimento de Alternância Democrática

PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PALOP – Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa

RFI – Rádio França Internacional

RTP – Rádio e Televisão de Portugal PRS – Partido de Renovação Social

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

UOL – Universo Online

USE – Umaro Sissoco Embaló

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA	13
2	JUSTIFICATIVA	18
3	OBJETIVOS	20
3.1	GERAL	20
3.2	ESPECÍFICOS	20
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: GEOGRAFIA, DIVERSIDADE ÉTNICO-LINGUÍSTICA E HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU	21
4.1	A HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU	28
4.2	AS ELEIÇÕES DEMOCRÁTICAS NA GUINÉ-BISSAU	33
5	METODOLOGIA	39
5.1	ANÁLISE DE DADOS	40
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ROUPA COMO DISCURSO NA POLÍTICA	54
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA

Nasci em Guiné-Bissau, concretamente no sector autónomo de Bissau, no dia 16 de julho de 2002, às nove horas da noite, em uma terça-feira. No ano em que eu nasci, o Doutor Kumba Yala era presidente da Guiné-Bissau e o Brasil venceu a copa mundial.

Minha família morava no bairro Reno. Portanto, passei minha infância nessa localidade. Tenho nove irmãos, todos eles meio-irmãos. Isso ocorre porque meus pais não eram casados, apenas namoravam, e minha mãe acabou engravidando. Eu não tive a oportunidade de realmente conhecer meus avós maternos, pois eles faleceram durante minha infância. Só conheci a minha avó paterna, mas não tivemos uma relação saudável. Minha convivência sempre foi com minha mãe e meus irmãos do lado materno. Depois da separação, o relacionamento entre minha mãe e meu pai não era saudável, e por isso desenvolvi um sentimento maior de amor por minha mãe do que por meu pai. Eu só o via de tempos em tempos, quando meu pai vinha até uma casa próxima e mandava me chamar. Às vezes, minha mãe permitia que eu fosse respondê-lo, outras vezes não.

Domingas António dos Santos é a minha mãe. Ela é mãe de cinco filhos: Bawi, Euclides, Núeria, Victor e Andreia. Eu sou a filha mais nova da família. Ela foi uma mulher que lutou muito para me dar uma boa educação. Minha mãe enfrentou muitas dificuldades na vida, pois criou seus cinco filhos sozinha. Os pais dos meus irmãos maternos faleceram. Domingas sempre se esforçava para ver um sorriso em nosso rosto e colocar comida em nossa mesa. Minha mãe não tinha um emprego fixo, por isso vendia trabalhos em crochê. Ademais, ela trabalhava em um restaurante com uns portugueses.

Não residíamos em uma casa boa, nossa moradia não era bonita. A maioria das minhas colegas de escola tinham boas condições de vida. Suas casas eram muito boas e não paravam de falar sobre todos os móveis que possuíam. Sentava-me em silêncio em um canto, apenas escutando, pois não tinha móveis em minha casa. Tínhamos apenas camas, malas de roupas e utensílios de cozinha. Não tínhamos televisão, às vezes eu assistia TV na casa da nossa vizinha. Quando meus colegas começavam a contar a história de um determinado desenho animado, eu apenas escutava, pois não tinha a oportunidade de ver em casa. Devo confessar que eu tinha a vergonha da nossa casa, mas hoje em dia me arrependo desse comportamento infantil.

O jardim onde eu estudava era de padre e nele a mensalidade era um pouco cara. Contudo, a minha mãe lutava sempre para pagar as mensalidades; às vezes o meu pai ajudava-lhe. Na Guiné-Bissau, as escolas públicas não oferecem boas condições. O Estado

guineense não paga um bom salário aos professores e sempre paga em atraso, de modo que os professores fazem muita greve, razão pela qual cada encarregado tenta colocar o seu menino numa escola particular.

A Guiné-Bissau é uma nação rica em diversidade étnica, abrigando mais de vinte grupos diferentes. Assim como meus pais, eu sou descendente da etnia *mancanha*.

A mãe do meu pai nunca teve uma boa relação com a minha mãe: certa vez ela afirmou que isso seria porque, por minha mãe e meu pai pertencerem à mesma etnia (etnia *mancanha*) e minha madrasta pertencer a outra (*mandjaco*), as pessoas irião dizer que minha avó teria presenteado minha mãe para meu pai porque são da mesma etnia. Tudo isso é muito cultural na Guiné-Bissau.

Quando minha mãe estava grávida de mim, algumas das irmãs do meu pai costumavam visitá-la. Elas tinham o costume de ligar para ela e perguntar como ela estava se sentindo com a gestação. Demonstravam muito amor e carinho por minha mãe, o que a deixava extremamente feliz. Quando nasci, uma dessas tias paternas (de nome Teresa Baticam) escolheu o nome *Bampatchy* para mim. Na minha língua materna, a língua *mancanha*, *Bampatchy* significa que todos os filhos são iguais, independentemente do estado do cônjuge. Posto isso, a minha tia resolveu batizar-me com este nome porque viu o comportamento do meu pai e da sua mãe relativamente à gestação da minha mãe. O meu pai abandonou a minha mãe durante a gravidez e foi morar com a sua antiga esposa. A minha mãe sofreu muito com a minha gestação. O meu pai não estava presente na sua vida quando ela mais precisava.

Quando eu era mais nova, minha mãe costumava me contar histórias sobre ela, meu pai e a família dele. Ela me disse que, quando se separou do meu pai, não tinha mais condições financeiras para pagar o aluguel: “Eu já era uma mulher independente e saí muito cedo da casa dos meus pais. Por isso, senti vergonha de voltar para lá. No entanto, não tinha outra opção, porque acabei de dar à luz e não tinha um emprego. Fui morar com minha mãe. Infelizmente, minha mãe faleceu quando você ainda era uma criança.”

Desde criança, fui educada sob o conhecimento da vida religiosa e dos preceitos bíblicos. Minha mãe era uma mulher extremamente devota. Ela dedicava grande parte de sua vida à igreja e ao seu trabalho. Dia após dia, esteve presente na igreja, além de liderar diversos movimentos comunitários. A religião teve um papel significativo na minha formação. Minha mãe seguia a fé católica. Toda semana, frequentamos a Igreja Nossa Senhora de Fátima.

Tão importante como a religião foi a política na minha vida. A política teve um papel muito significativo na minha jornada. Minha mãe entrou para a política por meio do convite

de uma amiga. Ela se alistou no PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) e começou atuando nas bases. Participou de algumas formações dentro do partido e, em seguida, começou a trabalhar no PAIGC. Meu pai foi um lutador pela liberdade da pátria guineense, assim como meu tio Álvaro Baticam. Na época colonial, as pessoas eram retiradas das salas de aula para irem ao mato e lutarem contra o colonialismo português.

Iniciei minha jornada acadêmica no Jardim Infantil Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Reno. Até os dias de hoje, recordo-me com carinho dos amigos com quem compartilhei momentos da infância naquele recanto. Alguns permanecem presentes em minha vida, enquanto outros se afastaram ao longo dos anos. Naquela época, eu me encantava pelas brincadeiras de esconde-esconde, entregando-me completamente ao prazer de explorar e desvendar cada esconderijo. Posteriormente, ingressei na Escola Católica de Bissau Novo, que faz parte do mesmo complexo educacional onde concluí a pré-escola.

Estudei lá do primeiro ao quarto ano. Foi nessa instituição que adquiri a habilidade de escrever e ler. Tínhamos uma professora que se chamava Brian e um professor de nome Maurício. Ambos foram meus educadores do primeiro ao terceiro ano. No quarto ano, tive a professora Leonesa. Todos os professores naquela escola foram muito atenciosos conosco. Tenho boas lembranças da minha infância nessa escola. Nosso uniforme consistia em uma camisa creme e saia cor de vinho. A nossa casa era muito próxima à escola. Portanto, eu ia para a escola sozinha. A minha professora costumava escolher-me sempre para declamar poesias, participar nas peças de Natal organizadas pela direção da nossa escola. Sempre fui uma pessoa extrovertida, de sorte que não tenho receio de participar em nenhuma atividade. A minha mãe e os meus irmãos sempre iam para a minha escola para verem as atividades em que eu participava.

A partir do quinto ano, fui estudar na escola Solidariedade, que fazia parte do mesmo complexo escolar. Em meu primeiro dia de aula nessa instituição, tive o prazer de conhecer novas pessoas. No quinto ano, as coisas são um pouco diferentes, pois há mais disciplinas e tínhamos um professor para cada uma delas. O intervalo entre as aulas era de cinco minutos. Nosso professor responsável pela turma, chamado Nordon, um dia chegou à sala e nos disse que realizaríamos uma eleição para escolher os representantes da classe. Diante disso, eu manifestei meu desejo de ser a líder da turma. Muitos dos meus colegas me apoiaram e disseram que eu era capaz e que conseguiria o cargo. Após a votação, o professor anunciou o resultado e fui escolhida como a vencedora da eleição. Fiquei muito feliz com o resultado, e agradei aos meus colegas que depositaram as suas confianças na minha pessoa. Prometi para os meus colegas da classe que eu iria respeitar a todos sem a exceção e que iríamos

trabalhar em conjunto, sempre na base da humildade, o respeito, a ordem e a disciplina para mantermos o bom nome da nossa turma.

Ao final daquele ano escolar, durante as férias de junho a setembro, minha mãe ficou muito doente. Ela ia ao hospital todos os dias com meus irmãos mais velhos. Ela chorava devido à intensa dor que sentia. Eu estava profundamente triste durante aquelas férias. Um dia minha mãe acordava um pouco melhor e outro dia não. No mês de setembro, ela foi internada no Hospital Nacional Simão Mendes de Bissau, onde permaneceu por um mês. Depois, os membros da direção do partido onde minha mãe trabalhava decidiram transferi-la para o Senegal. Quando minha mãe estava indo para o Senegal, pediu para sua prima cuidar de mim. Minha tia veio me buscar em casa e fui morar com ela enquanto minha mãe fazia seu tratamento nesse país.

No Senegal, minha mãe passou duas semanas antes de falecer. Partiu em um domingo de manhã. Eu não sabia que ela havia falecido, ninguém me contou. Só fui descobrir no dia seguinte. Quando soube da notícia, nem consegui chorar, fiquei apenas olhando para o rosto das pessoas, sem lágrimas para derramar. Às vezes, mais tarde, consegui soltar minha voz em gritos bem altos. A tristeza invadiu minha vida, uma vez que a pessoa que eu mais amava tinha se ido. Eu tinha doze anos e não tive como cuidar dela durante a doença contra a qual minha mãe lutou bravamente. Durante aquele período, ela expressou para minha tia seu desejo de não partir deste mundo naquele momento, pois tinha seus filhos para cuidar, particularmente eu, Andreia, ainda menor de idade, que precisava tanto dela.

Após o falecimento de minha mãe, continuei residindo com minha tia e estudei o sexto ano durante esse tempo em sua casa. Ao passar para o sétimo ano, ingressei na Escola Adventista Betel. Durante a eleição da turma, decidi me candidatar novamente para ser a líder. As pessoas votaram em mim e consegui novamente ser a vencedora. Desde criança, sempre tive o espírito de organização em qualquer sociedade que frequento. Nos finais de cada trimestre sempre ia ao Quadro de Honra. O critério para um aluno chegar ao Quadro de Honra era o aluno possuir a média das médias a partir de dezesseis valores. Quando eu conquistava o Quadro de Honra, minha tia transbordava de alegria por mim. Ela me proporcionou uma excelente educação. Tenho sempre profundo respeito por ela. Minha querida tia, chamada Maria de Lourdes Pina, é casada e reside com seu esposo e filhos. O convívio em sua residência é harmonioso. A casa de minha tia está localizada no bairro de Luanda e tinha mais condição em comparação com a residência onde vivia com minha mãe. Durante minha trajetória escolar na Escola Adventista Betel, do sétimo ao décimo segundo ano, tive a oportunidade de conhecer diversas pessoas, criar amizades sólidas e ter

experiências incríveis com os professores.

Quando eu estava no décimo ano, abriu-se a vaga para a candidatura da presidência da associação de alunos. Decidi me candidatar e, contando com o apoio dos meus amigos, fui eleita presidente. O mandato foi de dois anos e a minha experiência nesse cargo foi muito boa. Quando concluí o meu último ano na escola, decidi me inscrever para o exame de admissão na faculdade de direito de Bissau. Contudo, no dia da prova, não consegui participar devido a uma forte cólica. Essa situação me impediu de realizar o exame e fiquei muito aborrecida por não ter conseguido fazê-lo. Contudo, realizei outros exames de admissão em que obtive aprovação, como foi o caso na Universidade Colinas de Boé em Bissau, onde comecei minha vida universitária.

Meu tio, responsável pelo pagamento das minhas mensalidades na universidade, sempre desejou que eu estudasse fora da Guiné-Bissau. Certo dia, ele comentou comigo que tinha a informação de que estava aberto o período de inscrição para a bolsa da Unilab. No dia seguinte, ele foi até a embaixada do Brasil para obter maiores informações. Na embaixada, indicaram a ele o site em que poderia fazer a inscrição online para concorrer. Ao voltar para casa, me mostrou o referido site. Recorri a um amigo que me ajudou a fazer a inscrição e me perguntou qual curso eu escolheria, dentre as duas opções existentes: Humanidades e Letras. Eu respondi para ele colocar Letras, pois conheço uma senhora chamada Odete Semedo que fez o curso de Letras aqui no Brasil e se destacou em sua área em Bissau. No entanto, eu não tinha muita informação sobre o curso. Felizmente, fui selecionada para fazer a prova, na qual me foi solicitado escrever uma redação sobre a situação ambiental na Guiné-Bissau e fiz uma prova de matemática. Graças a Deus, obtive um bom resultado e fui aprovada. Fiquei tão feliz quando recebi a notícia quanto meus familiares.

Depois de ser aprovada no exame, iniciei os trâmites para minha viagem ao Brasil. Foi meu tio Álvaro quem assumiu todas as despesas, pagando por todos os meus documentos. Estava extremamente feliz por saber que teria a oportunidade de estudar fora do país. Minha tia sentiu-se imensamente orgulhosa e proclamou: "Andréia nunca me deu trabalho, sempre se comportou muito bem e seguiu todas as minhas orientações aqui em casa. Tenho certeza de que ela continuará agindo assim, sem dificuldades em se adaptar e se relacionar com as pessoas".

No mês de março de 2022, realizei minha viagem ao Brasil. Ao desembarcar, fui acolhida por Auzenda, uma estudante guineense residente em São Francisco do Conde. Ao chegar em São Francisco do Conde, percebi que a cidade não correspondia às minhas expectativas. Eu imaginava o Brasil de arranha-céus que eu via nas telenovelas.

Em abril, iniciei minhas aulas na Unilab. Durante as minhas primeiras aulas, eu costumava indagar aos meus professores se uma pessoa que cursou Letras só poderia se tornar professor. Sempre me questionava sobre as possibilidades profissionais para alguém formado na área de Letras. Fazia essa pergunta por completo desconhecimento sobre a grade curricular do curso e tinha a falsa ideia de que Letras era exclusivamente para quem desejava ser professor. Eu não tinha interesse em seguir carreira docente. Ao longo das aulas, mediante às explicações dos professores, passei a compreender o curso e sua importância. Letras é uma ótima escolha acadêmica. Sinto-me extremamente grata por essa oportunidade de vir ao Brasil e estudar além do que eu imaginava. Minha perspectiva em relação à área da docência mudou.

Agora, ademais, desejo ser uma pesquisadora competente e continuo empenhada em me destacar na minha área de graduação. Almejo retornar ao meu país no futuro para contribuir com o desenvolvimento do Estado da Guiné-Bissau. Levarei boas ideias e auxiliarei na educação guineense. Tenho a esperança de possuir um pensamento crítico que possa auxiliar na transformação de inúmeras questões no meu país.

As questões étnica e religiosa têm muita influência nas eleições da Guiné-Bissau, sobretudo após o conflito armado de 1998, o que coloca em causa o lema da nação bissau-guineense: Unidade, Luta e Progresso. Neste sentido, a razão que leva os candidatos a usarem quer um chapéu quer uma kala é sua conotação em relação a determinados grupos étnicos e religiosos e, assim, entendemos que esse uso tem como foco a busca da solidariedade étnica e religiosa dos seus grupos de pertencimento (essa discussão foi aprofundada mais a frente).

2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho justifica-se, mais do que no meu imenso interesse pessoal, na necessidade de compreender o impacto do discurso político étnico religioso durante as campanhas eleitorais na Guiné-Bissau a partir de 2019, dado que este assunto é extremamente relevante no cenário atual do país. Havendo crescido em Bissau e observado o forte envolvimento de minha família com política e seu apoio aos diversos candidatos do seu partido, desenvolvi um interesse pela política desde cedo. Como estudante de Letras Língua Portuguesa, opto por investigar essa questão porque tenho percebido e posso asseverar que, durante as campanhas eleitorais guineenses, os candidatos costumam recorrer a discursos étnicos e religiosos na busca por votos. Entretanto, na Guiné-Bissau, sendo um país laico conforme estabelece a nossa Constituição da República, assim como de uma composição

social diversa, tais práticas podem acabar na fragmentação da sociedade e, inclusive, em uma nova guerra civil. É nessa ótica que interessa investigar o discurso dos candidatos guineenses durante as campanhas eleitorais. Nos últimos anos, durante as campanhas eleitorais, a mídia tem exercido uma influência massiva, enquanto os órgãos de comunicação social não têm ficado equidistantes nos assuntos políticos. Ademais, ativistas virtuais dos partidos políticos têm utilizado as redes sociais de maneira a criarem distúrbios no seio da sociedade guineense com base em divisões étnicas e religiosas com o propósito de angariar votos para seus candidatos; frequentemente promovem seus candidatos nas redes sociais, fazendo transmissões ao vivo e engajando o público, o que tem resultado de grande influência nas escolhas dos dirigentes, pois também grande parte dos simpatizantes dos diferentes partidos acabam divulgando esses materiais, muitos dos quais acabam “viralizando”.

Em processos eleitorais cada vez mais polarizados na Guiné-Bissau, o discurso étnico e religioso tem ganhado muita força e tem influenciado cada vez mais significativamente as bases eleitorais dos partidos políticos. Os candidatos aos cargos de deputado, Primeiro-Ministro e Presidente da República, durante o processo eleitoral, têm recorrido a convicções e crenças religiosas e de identidade étnica como apelo em suas respectivas comunidades para pedir votos. Isso é incoerente com a nossa constituição, que estabelece a Guiné-Bissau como “uma república soberana, democrata, laica e unitária” (Guiné-Bissau, 1984).

A relevância social e política desta pesquisa permitirá compreender o impacto do discurso político étnico religioso durante as campanhas eleitorais na Guiné-Bissau, particularmente a partir de 2019. Nesse sentido, creio que o presente trabalho servirá da reflexão teórica do ponto de vista político e social sobre os discursos que põem em causa a coesão nacional que foi construída pelos pais fundadores da nossa Nação sem base em qualquer distinção étnica e/ou religiosa.

Desde 2019, muitos candidatos guineenses, durante os períodos eleitorais, optam por enfatizar suas identidades étnicas e religiosas e sugerem que a população deve votar em representantes de sua própria etnia ou religião. Por isso, discursos que abordam questões de etnicidade ou tribalismo são frequentemente observados hoje nas eleições na Guiné-Bissau. Os candidatos que buscam o poder parecem mais interessados em afirmarem sua identidade étnica e religiosa durante os comícios do que em apresentarem suas propostas e as razões que os levaram a se candidatar a determinado cargo. É comum ouvirmos afirmações do tipo: “Eu sou dessa etnia, e vocês devem eleger o representante dessa etnia para o poder.” A ideia é que o representante dessa etnia merece ocupar uma posição de destaque no país. A importância desta pesquisa no atual contexto é bastante significativa, pois ela auxiliará a academia a

refletir sobre como esses discursos estão gerando impacto.

O estudo do discurso político étnico religioso é de extrema relevância no cenário internacional contemporâneo, caracterizado por uma crescente polarização e segmentação das sociedades em torno da política. No contexto nacional, a adoção de discursos políticos étnico religioso parece estar resultando em uma profunda divisão nas comunidades, o que compromete a qualidade do debate público e a coesão social. Muitos vizinhos se encontram em desacordo devido à política, sendo que essa divergência se intensifica cada vez que precisam apoiar um candidato identificado por sua etnia ou religião. Com a proliferação das mídias sociais e a influência de novos meios de comunicação, o discurso político étnico religioso tem se tornado uma ferramenta poderosa na mobilização de diferentes grupos étnicos, sociais e religiosos, muitas vezes levando à ocorrência de brigas, calúnias e difamação entre as diferentes comunidades.

Apesar de haver trabalhos emergentes sobre o discurso político étnico religioso na política (cf. Suma, 2023; Silva, 2022; Candé Monteiro, 2013)” ainda existe uma lacuna significativa na compreensão de como esses discursos são construídos e legitimados nos diferentes contextos culturais e políticos, particularmente na Guiné-Bissau. Esta pesquisa busca preencher essa lacuna, analisando como se constroem discursos tribalistas que buscam moldar percepções e comportamentos políticos, e quais são suas implicações para a democracia e a convivência pacífica entre grupos sociais diversos.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Oferecer uma reflexão em torno do surgimento e manutenção dos discursos políticos étnico religioso durante as campanhas eleitorais na Guiné-Bissau.

3.2 ESPECÍFICOS

- Analisar o cenário político eleitoral guineense, com especial ênfase a partir de 2019.
- Analisar material fotográfico e audiovisual de candidatos nos pleitos eleitorais de modo a identificar e caracterizar discursos políticos étnico religioso durante as

campanhas;

- Exemplificar diversas formas em que esses discursos são constituídos, através de diferentes linguagens.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: GEOGRAFIA, DIVERSIDADE ÉTNICO-LINGUÍSTICA E HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau está localizada na costa ocidental da África. Faz fronteira ao norte com o Senegal, a leste e sudeste com a República da Guiné Conacri, e é banhada pelo Oceano Atlântico ao sul e oeste. Além do território continental, o país possui uma parte insular que inclui o arquipélago de Bijagós, constituído por mais de 80 ilhas. A área total da Guiné-Bissau é de 36.125 km². O país é administrativamente dividido em oito regiões (Cacheu, Biombo, Gabú, Bafatá, Tombali, Quinara Oio, Bolama e Bijagós) e 37 setores, com a inclusão do sector autónomo de Bissau, a capital. Segundo as informações disponíveis no site Dados Mundiais.com (2022), a população da Guiné-Bissau é de 2.201.000 habitantes. A densidade populacional é de 33,22 km, sendo que a maioria da população vive em áreas rurais.

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: Brasil Escola UOL. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/guinebissau.htm>

No dizer de Candé Monteiro (2013, p. 91):

O país integra ainda cerca de quarenta ilhas que constituem o Arquipélago dos Bijagós, separado do continente pelos canais de Geba, Bolama e Canhabaque, além dos territórios continentais [...] O clima é quente e úmido, caracterizado como subguineano. Trata-se de um clima favorável para a prática de agricultura e pesca, que constituem principais fontes de subsistência para a população.

Namoni (2014, p. 17) por sua vez ressalta que:

No que diz respeito à percentagem dos grupos étnicos por região, a capital Bissau é a que concentra o maior mosaico étnico e cultural do país. Os grupos étnicos mais numerosos da capital são os Balantas, com 19,8%, seguidos pelos Papeis, com 17,6%. Na região de Bafatá, os grupos étnicos mais numerosos são os Fulas: 58,5%, seguidos pelos Mandingas: 23%. Na região de Gabu, os Fulas são a maioria: 77,1%, a seguir vêm os Mandingas: 17%. Na região de Biombo, os Papeis ocupam a primeira posição: 72%, seguidos pelos Balantas, 19,8%. Na região de Cacheu os primeiros são Manjacos: 41,7%, seguidos pelos Balantas: 26,7%, depois pelos Felupe: 11,8%, e Mandingas: 8,6%. Na região de Oio, os Balantas ocupam o primeiro lugar: 48%, seguido pelos Mandingas: 31%, e pelos Fulas: 9,5%. Na região de Bolama-Bijagós, os Bijagós são os grupos étnicos mais numerosos: 57,6%, seguido pelos Mancanhas: 8,2%, o restante saldo percentual é dividido entre os seguintes grupos étnicos: Papeis, Beafadas, Balantas, Mandingas, Manjacos. Na região de Quínara, apesar de ser o território dos Beafadas, 29,2%, os grupos étnicos mais numerosos nela são os Balantas, 41,2%, o restante saldo percentual é dividido entre seguintes grupos: Fulas, Papeis, Mandingas, Bijagós, Manjacos etc. Finalmente, na região de Tombali, os Balantas ganham predominância: 48,7%, embora a história do povoamento desta região confira a este grupo o estatuto de imigrante, em busca de terra fértil para cultivo. A seguir, vêm os Fulas, com 17%, os Beafadas, com 5,3%, os Papeis, com 2,5%, os Manjacos, com 2,0%, e os Bijagó, com 1,4% (INEC, 1991, p. 13-22). Deve-se ressaltar que a região de Tombali é o território dos grupos étnicos Nalus. Por isso, a região é conhecida como tchon Nalu (Chão Nalu). Mas apesar de serem os donos do chão, os Nalus apresentam percentagem insignificante na região, tanto que não apareceram neste censo.

Ainda em relação à diversidade étnica, Amona (2020) destaca que:

A Guiné-Bissau conta com uma média de 20 grupos étnicos (ver censo de 2009) e dentre esses grupos, cada um tem o seu modo de organização social e cultural diferente e não só, segundo os meus interlocutores todos eles possuem um território específico em que são maioritários, o que consequentemente serve de um importante elemento para a “reprodução” étnica.

Todos os grupos étnicos, contudo, compartilham uma língua comum, a língua guineense, que é a base de comunicação ou língua franca. Embora prefiram usar suas línguas maternas no dia a dia, é comum que, ao encontrar alguém de outra etnia, optem por se comunicar em língua guineense. O idioma oficial da Guiné-Bissau é o português, porém menos da metade da população guineense sabe falar essa língua. Nessa mesma linha de pensamento, Embaló também discute essa questão ao afirmar que: “o português não é a

língua de comunicação nacional, na medida em que apenas cerca de 13% dos guineenses a falam, incluindo os que a têm como língua segunda, terceira ou até mesmo quarta para a maior parte dos guineenses” (Embaló, 2008, p. 101). O mais comum é que cada criança seja inicialmente ensinada pelos pais a falar sua língua materna e, posteriormente, aprenda a língua guineense. A língua guineense é o resultado da confluência das línguas africanas locais com a língua portuguesa. Em consonância com essa ideia, Embaló (2008, p. 102) argumenta que: “A língua guineense surgiu do contacto do português com as línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os europeus e os africanos, mas também entre estes próprios, dada a diversidade linguística da região.”

Na Guiné-Bissau, a língua utilizada nas escolas públicas e privadas é a língua portuguesa, devido à colonização. Ao mesmo tempo, a população guineense apenas costuma utilizar o português na escola. O português, por outro lado, é a única língua oficial do país, sendo utilizado na redação de todos os documentos públicos e reconhecido oficialmente como a língua do ensino e aprendizagem (Scantamburlo, 2013, p. 1). Muitos indivíduos sentem-se inseguros ao falar o português, temendo que possam fazê-lo com “sotaque”. Parece consensual que as línguas maternas e a língua guineense poderão predominar no português de qualquer guineense, dado que o português muito raramente é sua primeira língua.

Para falar de raça e etnia na Guiné-Bissau, é essencial reconhecer a complexidade das identidades, a história colonial, e o esforço contínuo de formar uma nação coesa, respeitando as particularidades dos diferentes grupos étnicos existentes no país. Durante a era colonial portuguesa, o conceito de raça também foi utilizado para justificar a opressão e a segregação. Após a independência em 1973, o país buscou superar essas divisões, mas as consequências do colonialismo ainda afetam as relações sociais e raciais. É necessária uma compreensão das dinâmicas sociais e históricas que moldam o país. Apesar da diversidade étnica, há um esforço constante para promover a ideia da unidade nacional, especialmente sob a bandeira da luta pela independência liderada pelo PAIGC. Na perspectiva de Amona (2020, p. 46-47),

Na Guiné-Bissau, a etnia também é referida de *raça*, não no sentido biológico, mas no sentido da identificação, é comum ouvir as pessoas se referirem assim “a minha raça é Balanta”, se fizemos o uso literal para compreensão dessas atribuições etnia/raça podemos cair no erro, para isso, compreendo que esse debate se assemelha às considerações feitas por Baqueiro (2012, p. 55) em relação a etnia e “tribo” ao apontar que “não se pode analisar as variações no uso do termo “etnia” sem considerar o seu quase-sinônimo, ‘tribo’”. O autor lembra que “tribo” foi o termo utilizado mais frequentemente quando se tratava de designar as “sociedades primitivas” no primeiro século de desenvolvimento da disciplina, e por exploradores e missionários nas Américas e na África desde o início do século XIX”. Hoje, o termo está associado aos processos de intervenção e desenvolvimento do passado, marcados pelo eurocentrismo e pelas políticas de expansão e violência colonial,

tendo perdido espaço no contexto pós-colonial pelo sentido pejorativo que a ele esteve vinculado. Portanto, pode-se considerar que os significados que relacionam os termos “raça” e “etnia” na Guiné-Bissau tem alguma influência do período colonial, por esse fato, os meus interlocutores não conseguiram explicar como se deu origem da relação que se faz da categoria raça que tem mais a ver com traços biológicos com etnia que compreende vínculos étnicos dos indivíduos na Guiné-Bissau.

O trecho acima citado revela como as etnias são reconhecidas. Baqueiro alerta para o equívoco de analisar as diferenças no uso do termo “etnia” sem levar em conta o seu quase sinônimo, “tribo”. Amona destrinça por um lado a relação entre etnia e tribo e por outro a raça. Tribo teria um sentido mais pejorativo pois caracterizaria sociedades tribais e primitivas. A etnia tem um sentido mais refinado do que a tribo. Por outro lado, a raça está mais relacionada com traços biológicos. No entanto, falantes guineenses apropriaram-se do termo *raça* para fazer referência à categoria grupo étnico-linguístico (balanta, mancanha, papel/pepel etc.).

Discutir a identidade étnica na Guiné-Bissau é algo bastante intrincado. Isso deve-se ao fato de que, no país, cada pessoa possui uma maneira peculiar de se reconhecer. Enquanto alguns se identificam por sua etnia, outros preferem afirmar que são simplesmente guineenses. Amona (2020, p.47) afirma que:

Pegando as considerações teóricas sobre a nação, etnicidade e a identidade étnica e somando com as falas dos meus interlocutores, é notório que a questão da diversidade étnica é merecedora de uma atenção especial no cenário do debate sobre as identidades e da construção da Nação na Guiné-Bissau, pelo fato de que, nesse país, as pessoas diferenciam-se marcando as suas identidades de maneiras diversas. Há indivíduos que se identificam como guineenses, usando como referência a nação, e ao mesmo tempo com uma etnia específica, referindo-se ao grupo étnico ao qual pertencem. Há outros que se identificam como guineenses referindo-se à nação, e ainda referindo-se a duas etnias distintas, que é resultado da união conjugal dos pais pertencentes a etnias diferentes. Tanto no primeiro como no segundo caso, nenhuma identidade exclui a outra. Ainda há os que se identificam como guineenses sem mencionar a nação e dizem que pertencem uma determinada etnia e Tchon.

A Guiné-Bissau não é apenas um lugar etnicamente diverso, também é marcado com pluralidade religiosa, onde diferentes crenças coexistem e se entrelaçam no cotidiano da população guineense. Na inovadora análise de Amona (2020, p. 52):

Percebe-se que a mitologia da divisão religiosa na Guiné-Bissau se caracteriza em vínculos étnicos, mesmo não sendo praticante de uma determinada religião, mas o fato de ter vínculo com qualquer grupo étnico, daí passa a ser conectado ao um determinado grupo religioso. Algo que, do ponto de vista das religiões, não procede; porque só é muçulmano quem pratica a fé islâmica, ou, só é cristão quem é batizado, e não pelo fato de ser Manjacos/Mandjacu ou Mancanha para ser considerado de cristão.

Certamente, na Guiné-Bissau, as pessoas costumam associar a religião de alguém com a sua origem étnica, mesmo que a pessoa não siga aquela religião. Por exemplo, alguém da etnia mancanha será automaticamente considerado cristão pelos guineenses. No entanto, essa pessoa tem todo o direito de não querer seguir o cristianismo e optar por seguir o islamismo ou ser da religião de matriz africana.

As estruturas tradicionais de organização social do mosaico étnico na Guiné-Bissau, desempenham um papel fundamental na dinâmica cultural política na Guiné-Bissau. Essas estruturas frequentemente estão baseadas em linhagens, chefias, régulos, autoridades locais etc. Nesse sentido, Amona (2020, p. 53), afirma o seguinte:

Essas estruturas tradicionais da organização social dos grupos são importantes para compreender a importância da *tchon* na formação identitária dos grupos na medida que cada um dos guineenses pertencentes a um grupo étnico independentemente de onde nascer pertence a um *Tchon* e uma *Moransa* a qual este último tem vínculo étnico-familiar, porém, existe até grupos que não enterram pessoas fora dos seu *Tchon* ou *Moransa* como é o caso dos *Papeis/Pepeles*. Como precisa um dos meus interlocutores, “... sabes que tem gente que não admitem que sejam enterrados fora dos seus *tchons*, eu sou *Papel/Pepel* de *Biombo* somos um desses que não se enterram fora de *Biombo*.”

Em Bissau, há diversos grupos étnicos que se identificam profundamente com suas tradições e desejam fervorosamente que seus hábitos e costumes perdurem. A preservação da identidade tradicional é de extrema importância para muitas etnias na Guiné-Bissau. Elas mantêm uma forte ligação com suas raízes. Em diversas etnias, quando alguém falece, é necessário que seja sepultado em sua própria tabanca.

Amona (2020, p. 56) nos lembra ainda que, nesse contexto, “o nacionalismo guineense teve suas origens nas estruturas e ações do Estado colonial português, na dicotomia existente entre os guineenses e os colonialistas portugueses”. Assim, quando se trata da diversidade sociocultural na Guiné-Bissau, a unidade nacional aparece como um aspecto indispensável a ser considerado. O conceito de Unidade Nacional surgiu do movimento nacionalista guineense, cujo propósito principal era resistir e combater o domínio colonial português. Candé Monteiro (2013) assevera que:

O projeto de Cabral de unidade é resultante de três eixos: a etnicidade como forma de se engendrar a consciência nacional entre os combatentes da liberdade da pátria na Guiné-Bissau; a unidade Guiné-Bissau e Cabo Verde, inspirada nos laços históricos que ligam estes dois países; e por fim a unidade entre os movimentos pela independência nas colônias portuguesas do Movimento Anticolonialista (MAC), FRAIN e CONCP, com vistas à concretização da ideologia nacionalista proposta pela unidade africana (Candé Monteiro, 2013).

Dessa forma percebe-se que o projeto de unidade defendido por Cabral vai além de uma simples aliança.

A situação linguística na Guiné-Bissau também é marcada por uma complexa convivência entre línguas nacionais e a língua oficial. Assim, conforme aponta Nhaga (2011, p. 61),

A situação linguística da Guiné-Bissau é, do mesmo modo que a étnica, complexa, complexidade que diz respeito não apenas aos guineenses, mas ao contexto africano de modo geral. A língua guineense tem sido um passo importante na formação da identidade nacional. Um passo há muito tempo dado pelos próprios guineenses, para muitos dos quais já é sua língua materna (Nhaga, 2011, p. 61).

O receio que os guineenses sentem ao falar a língua portuguesa surge do facto de não estarem habituados a utilizá-la com frequência, apenas na escola. Os estudantes guineenses nos primeiros semestres na Unilab, mesmo que dominem o tema em discussão, receiam pedir a palavra para participar, com medo de cometer algum erro ao falar português. O receio para se comunicarem em português surge durante as aulas, uma vez que se sentem intimidados pela ideia de que os estudantes das outras nacionalidades têm maior proficiência na língua, uma vez que, por exemplo, muitos angolanos têm o costume de falar o português no seu quotidiano no país deles.

O considerado pai da nacionalidade guineense, Amílcar Cabral, legou algumas reflexões sobre a questão da língua na Guiné-Bissau. A reflexão de Cabral (1976, p. 61) era a seguinte:

Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua, não é prova de mais nada, senão um instrumento, para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio de falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo. Assim como o homem inventou o rádio para falar a distância, sem falar com a língua, só com sinais, o homem através do tempo do seu desenvolvimento, começou a falar, a necessidade de comunicar-se fê-lo começar a falar. Desenvolveu as cordas vocais, etc até falar. E como a língua depende do ambiente em que se vive, cada povo criou a sua própria língua.

É paradoxal, considerando que o Cabral era um agrônomo e não um linguista, sua abordagem sobre as questões da língua. O português poderia ser a melhor coisa que os tucas deixaram para a Guiné-Bissau se antes da colonização portuguesa, a população local já utilizava uma variedade de idiomas e, logo após a colonização, desenvolveram ainda mais um para se comunicar entre eles? No entanto, no colonialismo, os portugueses não se esforçaram para aprender os idiomas das diversas etnias presentes no país, pois consideravam o português como a língua dos civilizados, enquanto as línguas nativas da Guiné-Bissau eram tidas como

sendo dos "gentios". Na sociedade atual, a maioria almeja adquirir fluência em inglês ou francês, já que os países dessas línguas são mundialmente respeitados e exerceram domínio sobre muitas nações. Da mesma forma, se a Guiné-Bissau fosse uma potência relevante, suas diversas línguas poderiam ser valorizadas e reconhecidas, todas as línguas têm sua importância no cenário global e merecem respeito. Conforme aponta Proença (2023, p. 210):

Amílcar Cabral foi um herói da independência de Cabo Verde e da Guiné-Bissau e de todos os países africanos colonizados por Portugal. Não se nega esse heroísmo. Contudo, as ideias linguísticas desse grande líder merecem revisão. Algumas serão aqui comentadas, tiradas de um texto denso intitulado “A questão da língua”, no qual o revolucionário defende a adoção da língua portuguesa, por ser, na opinião dele, a melhor coisa que os tucas deixaram.

Proença discordou de Amílcar Cabral em relação ao que este afirmou sobre a língua dos colonizadores, apresentando seus argumentos na qualidade de linguista. Segundo Amílcar Cabral, “as línguas africanas não estavam preparadas para serem usadas, por não terem escrita”, mas, na perspectiva de Proença (2023, p. 210):

Esse argumento ainda hoje é muito forte, evocado para que línguas crioulas, por exemplo, não sejam adotadas como oficiais. Trata-se de um engano, de um falso problema. Essa concepção deriva do modelo europeu, que atribui status de dignidade somente às línguas que têm descrição formal, reconhecida em gramáticas e dicionários. Esse aparato descritivo é, de fato, importante, sobretudo para a adoção dessas línguas na escola. Contudo, qualquer língua sem essas ferramentas – ágrafa que seja – tem potencial semiótica para produzir sentidos de qualquer natureza. Assim, empecilhos não são de ordem linguística, mas de natureza política e de planejamento linguísticos. Falta, portanto, articulação para a produção do aparato necessário a que línguas autóctones sejam oficiais e, assim, possam definitivamente ser usadas na escola, como já são nas casas, nas ruas, na mídia, no parlamento. É preciso rever essa ideia. É preciso dar escrita a línguas africanas. E também considerar que já há estudos linguísticos, descrição e dicionarização para muitas delas e para modalidades africanas da língua portuguesa.

Proença avaliou que a visão de Amílcar Cabral foi extremamente forte. Ele apontou que a abordagem de Cabral se fundamentava em um modelo europeu e enfatizou a necessidade de reexaminar essa concepção. “A melhor língua para escrever é o português, segundo Amílcar Cabral”, mas Proença prossegue a sua análise sobre as declarações do Cabral e afirma:

Deduz-se que essa avaliação era válida para aquele momento, talvez pelo fato de as línguas africanas não terem sido providas de escrita até então: no entanto, qualquer língua é boa para escrever. A escrita é uma convenção e depende de uma decisão política (de um decreto, por exemplo, que adote um padrão gráfico). Qualquer língua nasce na boca e nos ouvidos de seus usuários; pode chegar aos olhos, mas isso não descaracteriza a sua legitimidade. A escrita depende, também, de vontade política. É urgente reformular esse princípio. Línguas africanas são as melhores para a escrita: é preciso pensar, ver e compreender o mundo a partir da África (Proença,

2023, p. 210).

Proença, considera que as línguas africanas são muito importantes e adequadas para escrita e devem ser dignificadas. Todas as línguas merecem respeito e valorização, pois, cada uma possui o seu próprio valor. Afirmar também Magda Soares que:

O estudo das línguas de diferentes culturas deixa claro, da mesma forma, que não há línguas mais complexas ou mais simples, mais lógicas, ou menos lógicas: todas elas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem, e igualmente válidas como instrumentos de comunicação social. Não se pode dizer que o português seja “melhor”, mais “rico”, mais “expressivo”, mais “flexível” que o inglês, o francês, o alemão, nem mesmo se pode dizer que ele seja “melhor que, por exemplo, a língua dos aborígenes da Austrália, em que a terminologia do parentesco é muito mais complexa, pois dá nomes diferentes, o que não é feito na nossa língua, a avós paternos e maternos, a irmãos mais jovens e mais velhos, e a inúmeros parentes que resultam de variadas relações que denominamos apenas pelas palavras “primos” (Soares, 2017, p. 60).

4.1 A HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU

Antes da chegada dos portugueses, a Guiné-Bissau era chamada de Senegâmbia e fazia fronteira com o vale do rio Senegal ao norte e o rio Kolente (Guiné -Conakry) ao sul (Silva; Santos, 2014). A mudança de nome se deu com a chegada dos colonizadores portugueses, no século XV, que renomearam o território como Província da Guiné- Portuguesa.

Do ponto de vista de Candé Monteiro (2013,p. 95), contudo,

A região que hoje denominamos de Guiné-Bissau nem sempre foi o mesmo território da chamada Costa da Guiné ou Costa Africana, ou melhor, Senegâmbia, pois a divisão arbitrária da Conferência de Berlim, em 1884-1885, traçou fronteiras e separou povos sem levar em conta as tradições culturais dos grupos étnicos existentes e suas fronteiras, obedecendo, portanto, somente aos interesses econômicos.

A autora explica que a área atualmente conhecida como Guiné-Bissau nem sempre correspondeu à mesma parte da costa africana, pois o território da Guiné-Bissau, antiga Guiné-Portuguesa, foi alvo de remodelação na Conferência de Berlim de 1884-1885 sem levar em consideração a realidade local de assentamentos dos grupos que lá habitavam. A consequência foi o espalhamento de uma grande família, que, por conseguinte, passou a ter uma parte no território senegalês e outra parte no território guineense.

Nessa conjuntura, na visão de Silva e Santos (2014, p. 22), Foram os mandingas que se impuseram como etnia guerreira e o seu predomínio político, religioso e cultural foi indiscutível até a grande pressão das Fulas que no século XIX alteraram o

mosaico étnico guineense, reduzindo drasticamente o poder dos mandingas e pondo em movimento um conjunto de importantes etnias naquele tempo e no presente, como os Balantas, os Beafadas, os Manjacos e até as etnias hoje menos importantes.

Segundo a consistente abordagem de Candé Monteiro (2013), a região que hoje conhecemos como Guiné-Bissau era habitada por várias etnias, cada uma com sua própria cultura, língua e tradições. Essas comunidades viviam principalmente da agricultura, pesca e comércio, e desenvolveram sociedades organizadas e estruturas políticas comuns, contribuindo para a diversidade e interconexão das diferentes comunidades. Essas etnias tinham sistemas de crenças tradicionais e espirituais, que permeavam suas práticas religiosas, rituais e festivais. A chegada dos portugueses no final do século XV trouxe mudanças significativas para a região, incluindo a introdução do comércio de escravos, conflitos territoriais e a imposição da colonização, que deixaram um legado complexo na história e identidade dessas etnias.

Na pertinente perspectiva de Silva e Santos (2014), os portugueses chegaram à região que hoje conhecemos como Guiné-Bissau durante a chamada “Era dos Descobrimentos”, no final do século XV. A sua chegada foi impulsionada pelo desejo de encontrar uma rota marítima para as riquezas do Oriente, principalmente as especiarias, contornando o continente africano. Em 1446, o navegador português Nuno Tristão explorou a costa da Guiné, estabelecendo contato inicial com as populações locais. Posteriormente, em 1456, o explorador Alvise Cadamosto, a serviço do Infante D. Henrique, realizou expedições ao longo da costa da África Ocidental.

Ainda na visão de Silva e Santos (2014), explorações portuguesas levaram à criação de feitorias e postos comerciais ao longo da costa, onde os portugueses estabeleceram relações comerciais com as populações locais e iniciaram o comércio de produtos como ouro, marfim e escravos. A colonização efetiva começou no século XVI, quando Portugal estabeleceu o controle sobre a região, construindo fortificações e implementando um sistema de administração colonial. Ao longo dos séculos, os portugueses exerceram controle sobre a Guiné-Bissau, explorando seus recursos naturais e utilizando mão de obra escrava para as plantações. Esse período deixou um legado profundo na história e cultura do país, moldando sua sociedade e relações étnicas até os dias de hoje.

Durante o período colonial, a cooperação entre Guiné-Bissau e Cabo Verde foi marcada por uma série de aspectos, influenciados pela presença portuguesa na região. Apesar de estarem sob administração colonial conjunta, as duas regiões tinham realidades socioeconômicas e culturais distintas.

Politicamente, tanto Guiné-Bissau quanto Cabo Verde eram administradas como uma única potência colonial até meados do século XVIII, quando Guiné-Bissau foi integrada à colônia de Cabo Verde. Segundo Gomes (2023, p. 20), “em termos políticos e religiosos a Guiné-Bissau era integrada como distrito da província de Cabo-Verde e dependia essencialmente da ilha de cabo-verde até 1879”. Isso resultou em um maior intercâmbio de pessoas, cultura e recursos entre as duas regiões.

Economicamente, a colaboração entre Guiné-Bissau e Cabo Verde era evidente no comércio interno, no qual produtos como alimentos, materiais artesanais e escravizados eram trocados entre as duas colônias. Cabo Verde, com sua posição geográfica estratégica no Atlântico, servia como ponto de trânsito para mercadorias entre a África, Europa e Américas, enquanto Guiné-Bissau contribuía com recursos naturais como ouro, marfim e produtos agrícolas.

Culturalmente, as duas regiões compartilhavam influências linguísticas, principalmente através do crioulo. Além disso, havia intercâmbio de tradições, costumes e práticas religiosas entre as populações das duas colônias. Conforme apontam Santos e Silva (2014, p. 105),

os portugueses encontraram uma oposição feroz entre os africanos, pelo que procuraram estabelecer relações amigáveis com alguns desses povos. Com altos e baixos no relacionamento, com base em compromissos sempre instáveis, construíram-se fortes em Cacheu e Bissau, mais tarde as bases comerciais ampliaram-se até ao Sul e ao centro da Guiné. Recorreram, não poucas vezes, ao uso de alianças de etnias contra outras. Os colonos brancos não tinham muita saúde para estar muito tempo expostos ao clima duríssimo da Guiné pelo que precisaram da colaboração dos cabo-verdianos, regra geral bem-preparados em termos culturais.

É relevante destacar que o processo da colonização na Guiné-Bissau teve início nos finais do século XVI. A presença dos portugueses em Guiné-Bissau teve início no norte do país, na cidade de Cacheu, ponto de acesso dos portugueses ao restante do país, fundada em 1588. A partir de 1642, Cacheu passou a ser a capitania.

O início da luta armada na Guiné-Bissau foi um marco crucial em sua busca pela independência do domínio colonial português. A resistência começou a se organizar na década de 1950, liderada pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), fundado em 1956 por Amílcar Cabral e outros líderes nacionalistas.

Antes do início da luta armada na Guiné-Bissau, ocorrera o trágico massacre de *Pindjiquite* em 3 de agosto de 1959. Esse incidente brutal teve origem na reivindicação de um aumento salarial por parte dos trabalhadores do porto de Pindjiquite, que decidiram entrar em

greve. O administrador português do porto recusou-se a atender às demandas dos trabalhadores, o que os levou a invadir as instalações em prol da luta pelos seus direitos. Subitamente, começaram a ouvir disparos, desarmados e incapazes de se proteger com armas de fogo. Os trabalhadores portuários recorreram a catanas, machados, facas e outros objetos. Vários trabalhadores guineenses perderam a vida durante esse massacre. Após esse trágico evento, Amílcar Cabral convocou os chefes locais e diversas outras pessoas para discutir estratégias de resistência contra os portugueses. A insurgência armada na Guiné-Bissau teve início após a tragédia de *Pindjiquite*. De acordo com Amona (2020, p. 38), “a Guiné-Bissau só existiu como um Estado Nação porque diferentes homens e mulheres pertencentes a diferentes tabancas e aldeias decidiram aderir a causa nobre de lutar contra o jugo colonial”.

Estou totalmente de acordo com Amona: a independência da Guiné-Bissau foi conquistada graças à união do povo guineense, que deixou de lado suas diferenças étnicas para se unir na luta contra o colonialismo português. Amílcar Cabral conseguiu inspirar muitos jovens da Guiné a se juntarem à causa.

A luta armada teve de fato início em 1963, com o ataque às instalações militares portuguesas em Tite, no norte do país: esse acontecimento marca o início da guerra de libertação nacional. O PAIGC adotou uma estratégia de guerrilha, baseada em emboscadas, sabotagem e mobilização popular, que visava minar o controle colonial português. Amílcar Cabral, líder carismático e estrategista político, desempenhou um papel central na organização e mobilização do povo guineense. O PAIGC estabeleceu bases de apoio no interior do país e contou com o apoio de populações locais, que forneceram alimentos, abrigo e informações às forças rebeldes. A guerra de guerrilha desgastou as forças coloniais portuguesas, que enfrentaram dificuldades logísticas e estratégicas no terreno. Além disso, a pressão internacional crescente contra o colonialismo português contribuiu para enfraquecer sua posição na Guiné-Bissau. O Cabral dizia sempre que a nossa luta não era contra o povo português, mas sim contra o fascismo. No ponto de vista de Amona (2020, p. 41), destacou-se o seguinte:

Percebe-se que a luta armada não foi só grande momento para forjar a nação guineense, mas sim o seu sucesso possibilitou a tomada da independência e o novo Estado surgiu com a obrigação de construir uma nação, porque o que existia era várias nações, nesse caso, cada grupo tinha os elementos que possibilitavam que ela fosse considerada uma nação como os fatores anteriormente destacado por alguns autores como é o caso da língua, o legado de lembrança, território etc.

Em 1973, o PAIGC alcançou uma vitória decisiva na Batalha de *Kanhála*, que

enfraqueceu significativamente as forças portuguesas e abriu caminho para a declaração unilateral de independência em 24 de setembro de 1973. A Guiné-Bissau se tornou assim o primeiro território dos PALOP (Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa) a conquistar a independência. Já na perspectiva de Sangremam (2005),

apesar da luta de libertação nacional ter sido a mais longa das antigas colônias, a Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa a proclamar, unilateralmente, a Independência, no dia 24 de setembro de 1973, só reconhecida por Portugal a 10 de setembro de 1974, é atualmente o Estado lusófono que ocupa a posição mais baixa no Índice de Desenvolvimento Humano. A este facto não serão, por certo, indiferentes os sucessivos acontecimentos políticos, económicos e sociais que têm marcado de forma indelével e, simultaneamente, condicionado o desenvolvimento do país. Cerca de três quartos dos seus 1,4 milhões de habitantes são atingidos pelo fenómeno de pobreza (Sangremam, 2005, p. 4).

Após a conquista da independência, os guineenses não deram continuidade à união que mantiveram durante a luta na mata. Ao retornarem para a cidade, surgiram disputas de poder, com cada um almejando se tornar líder para governar o país. Porém, governar uma nação não é algo acessível a todos; é fundamental a presença de representantes do povo. Aqueles que combateram o regime português talvez pensassem que eram os únicos capacitados para governar, mas essa podia não ser a realidade. No entanto, devido aos conflitos pelo poder, a falta de união em Guiné-Bissau resultou em uma guerra civil em 1998 devido à instrumentalização de militares na arena política.

Estas disputas políticas e militares em busca de poder colocaram a Guiné-Bissau numa situação de instabilidade constante entre as instituições da república, cujas consequências continuam a pairar no país, prejudicando o progresso económico e o desenvolvimento duradouro. Tentativas de tomar o poder falhadas prejudicaram grandemente o progresso do país. Cada partido no governo teve sempre um adversário pronto para perturbar a governação, chegando inclusive ao extremo de golpes de Estado. Para Jarju (2019, p. 4) a Guiné-Bissau passou por sucessivos golpes de Estado e contragolpes e viveu durante duas décadas uma ditadura sangrenta. Segundo GARRIDO (2020, p.13) um golpe ocorreu em 1998, ao qual se sucedeu a Guerra Civil (1998-99), e outro em 2003, após o chefe de Estado ter dissolvido a Assembleia Nacional Popular (ANP). O último golpe foi em 12 de abril de 2012.

A união demonstrada pelos combatentes durante a guerra da libertação acabou por se dissipar após a guerra, o que não era esperado. Eles lutaram unidos e conseguiram derrotar o regime português. No entanto, devido a esse cenário em que todos desejam liderar, a Guiné-Bissau enfrentou quatro golpes de estado. A cada novo regime que surgia, certamente contava com sua oposição pronta para contestar ou promover um golpe.

4.2 AS ELEIÇÕES DEMOCRÁTICAS NA GUINÉ-BISSAU

Trouxe acima um resumo do contexto histórico em que se enquadra o processo democrático na Guiné-Bissau que deu fim ao regime do partido único que governou o país desde a proclamação unilateral da independência, a 24 de setembro de 1973, até 1993. Nos finais dos anos oitenta, o mundo foi abalado por acontecimentos que mexeram profundamente com as estruturas políticas, sobretudo nos países soviéticos. Naquele momento, os países africanos quase na sua totalidade encontravam-se numa situação da crise

econômica, como era o caso da Guiné-Bissau, que lutava para ultrapassar a sua crise financeira apelando por ajuda aos organismos internacionais, em especial ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial. Em 1989, quando se desencadeou o processo da queda do sistema socialista, que deu em grande perda de credibilidade dos países que seguiam o sistema, criaram-se as condições necessárias para que os países ocidentais pudessem alargar a ideologia liberal como o único sistema a seguir. De acordo com Cardoso (1995, p.259), “a nível interno de África tinha-se igualmente chegado à conclusão que o sistema de partido único bem como a ausência da democracia tinham sido uma das causas principais do desastre económico verificado ao longo de três décadas de independência”.

Entretanto, as condições necessárias, tanto do ponto de vista externo como interno, foram criadas para que os países africanos pudessem aderir ao modelo do liberalismo económico, multipartidário, da democracia e da defesa dos direitos humanos. No que diz respeito à Guiné-Bissau, um dos países mais pobres do continente africano e do mundo, ao longo dos primeiros quinze anos da sua independência política, o país enfrentou uma crise política económica desastrosa, tendo tido um regime autoritário. Com base nas afirmações de Cardoso (1995, p. 259), o partido único “tendo por diversas vezes violado os direitos elementares da pessoa humana, não podia escapar à regra. Também aqui estavam reunidas as condições internas e externas para se iniciar um processo de mudanças profundas a todos os níveis da sociedade, mormente nos domínios político e económico”.

De 20 janeiro a 1 fevereiro de 1991, o Partido realizou o segundo congresso extraordinário, denominado “Renovação, Unidade Nacional, Aprofundamento da Democracia”, com intuito de decidir sobre o multipartidarismo. Também foram aprovadas várias medidas importantes para o processo de abertura. Neste congresso foi aprovada a Plataforma programática do PAIGC para o processo de transição; recomendou-se a revisão da constituição; recomendou-se a eliminação do Artigo IV da Constituição da República, que dava o PAIGC o estatuto do partido único; aprovou-se a decisão da despartidarização das

forças armadas e a desvinculação da central sindical União Nacional Trabalhadores da Guiné (UNTG) do PAIGC (Cardoso, 1995). Contudo, a despeito do reconhecimento formal da adesão ao multipartidarismo, o PAIGC não aceitava a ideia do pluralismo, a luta persistia entre os mais novos e mais velhos. Apesar do partido abordar no seu congresso extraordinário a integração das leis que davam direito à livre expressão, na prática ela continuou a funcionar nos velhos moldes, com a recusa à ideia do pluralismo, o que conduziu ao aparecimento de uma dissidência no seio do partido. Entretanto, perante esta situação, “por ocasião da realização da reunião do CC de junho de 1991, surge a Carta dos

121, assinada por um grupo de militantes que, manifestando a sua fidelidade ao PAIGC e a sua disposição em lutar para salvar o partido, tinha como principal reivindicação a democratização interna do PAIGC, o diálogo com as formações políticas nascentes, e a definição de uma linha política clara que permita restaurar a confiança dos militantes e simpatizantes” (Cardoso, 1995, p.267).

Sob a pressão das organizações da sociedade civil guineense e os opositores do regime do partido único, aprovaram várias leis, todavia, leis que foram aplicadas pouco a pouco; nunca houve uma preocupação de elaborar um pacote de medidas que pudessem permitir realmente uma mudança definitiva no que se refere ao processo de reforma, com intuito de implementação do sistema de multipartidarismo e realização das eleições. Entretanto,

em maio de 1991 a Assembleia nacional introduz uma revisão pontual na Constituição, aprovando a queda do artigo IV que consagrava o PAIGC como força dirigente, e aprova a Lei-quadro dos partidos, sem que, no entanto, fossem aprovadas outras leis que viabilizassem a real aplicação das primeiras. Criou-se assim um vazio institucional que muito contribuiu para atrasar o processo de transição e agudizar as tensões. (Cardoso, 1995, p. 268).

Contudo, o presidente da Assembleia Nacional Popular dizia que, "apostamos no multipartidarismo como uma das formas mais avançadas da democracia, garante de uma vida coletiva organizada e eficiente, assente nos princípios de valorização das liberdades individuais, igualdade e solidariedade", mas a discrepância no seio do partido continuava a deteriorar-se. O relacionamento entre as forças opositoras emergentes e o partido no poder agudizou-se mais levando alguns até que a situação descambasse entrando numa confrontação armada das duas alas. Contrariamente ao que muitas pessoas pensavam, mesmo com a formação da Comissão multipartidária da transição em 1992, houve uma tentativa de negociação por parte do presidente do Conselho de Estado separadamente com os líderes da oposição, mas isso não melhorou a situação. Apesar de ter iniciado os trabalhos em julho de

1992, o empossamento pelo PAIGC e o presidente do Conselho de Estado realizou-se no mês de agosto, sensivelmente dois meses depois. Durante muito tempo, o partido no poder e a oposição tiveram grande impasse político devido a precedência do escrutínio e ao atraso na criação das medidas legais, sobretudo burocráticas, para um bom processo eleitoral no país. Esta situação fez com que a datas das eleições tivesse que ser adiada várias vezes.

A adesão do país ao processo democrático se concretizou efetivamente no mês de julho e agosto do ano de 1994, quando foi realizada a primeira eleição geral na Guiné-Bissau, através de uma emenda constitucional de 1991, ratificada pelo então Presidente da República, João Bernardo Nino Vieira. Segundo Suma (2023, p. 36),

A Guiné-Bissau adota o sistema de governo semipresidencial desde a constituição de 1991. O processo eleitoral é caracterizado por: sufrágio universal, com direito de voto a todos os cidadãos maiores de 18 anos. Para candidatar-se ao cargo de Presidente da República exige-se que o cidadão tenha no mínimo 35 anos de idade. A eleição para o Presidente da República (com mandato de 5 anos, podendo ser reeleito para um segundo mandato) é feita através de voto direto dos eleitores recenseados e por maioria absoluta dos votos validamente expressos (50% mais um voto). A Constituição determina que se aplique o sistema majoritário com possibilidade de haver segunda volta.

Nas primeiras eleições multipartidárias participaram mais de dez partidos políticos e elas foram marcadas por uma grande disputa tanto na primeira como na segunda volta. De acordo com Silva (2022), historicamente, a adesão da Guiné-Bissau ao processo democrático foi feita através de políticas condicionantes por parte do Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, isto é, durante um período em que o país ultrapassava momentos de crise econômica e financeira.

Sob a ótica de Nelo Francisco Silva (2023, p. 49),

olhando atentamente para a situação política da Guiné-Bissau depois da adesão ao multipartidarismo, é possível detectar uma larga desvantagem que este processo tem deixado para o país e para África de forma geral. Pois além de ser um regime que promoveu uma certa ruptura interna dentro dos partidos e movimentos promotores da independência e da unidade nacional, a democracia deu abertura à concorrência política e à economia capitalista, tanto no plano interno como na vertente internacional. A livre concorrência do mercado entre os Estados Nações, por meio da democracia, move os países economicamente fracos a servirem de simples mercados para o consumo de mercadorias, ficando reféns para a dominação capitalista estrangeira. No entanto, a Guiné-Bissau não foge desta nova ordem geoestratégica, geoeconômica e geopolítica mundial. Esse pressuposto é um subsídio importante para a explicação das causas do neocolonialismo na África.

A democracia apresenta-se como um paradoxo completo em Guiné-Bissau. O povo deposita seu voto em um político específico com a expectativa de que ele irá administrar o

país de forma competente, proporcionando boas condições e melhorias na vida dos cidadãos guineenses. Contudo, uma vez no poder, a situação se inverte. Ao invés de atender as necessidades da população, os governantes priorizam beneficiar exclusivamente a vida de seus familiares e aliados mais próximos.

Assim, é possível afirmar que a introdução da democracia em Guiné-Bissau não resultou em benefícios sociais significativos para a população. O país não conta com um hospital de referência, a educação é precária e as greves nas escolas públicas são frequentes devido ao atraso no pagamento dos salários dos professores. Para Jarju (2019, p.13), a Guiné-Bissau enfrenta desde o seu nascimento, ou melhor, desde a sua afirmação como estado independente, enormes dificuldades na construção de uma nação coesa, isto é, um país governável com sinais de progresso e um território estável. Muitas vezes, os guineenses se veem obrigados a buscar tratamento médico no interior do Senegal (Ziguinchor), onde as condições dos hospitais são melhores. Isso é extremamente constrangedor, porque muitos dos políticos guineenses faleceram no Senegal enquanto buscavam tratamento médico lá. Por que é que os políticos da Guiné-Bissau, em seus cargos, não conseguem estabelecer hospitais de referência em Bissau? A população guineense vem sofrendo com o sistema multipartidário até os dias de hoje. Os políticos só se aproximam do povo durante o período eleitoral, em busca de votos. Após conseguirem o que desejam, desaparecem até o final de seus mandatos. Ao longo deles, é comum ver a população apelando por ajuda em emissoras de rádio e televisão para poderem suprir necessidades básicas que qualquer país deveria oferecer a seus cidadãos.

Passadas algumas décadas desde a adoção do sistema multipartidário, as eleições presidenciais de 2019 revelaram os avanços e os impasses da democracia guineense. Ela foram umas das mais renhidas: nelas disputavam o poder o PAIGC e dissidentes do partido denominados Movimento para Alternância Democrática - Madem-G15, que se criou da seguinte forma: quinze deputados do PAIGC se abstiveram na aprovação do programa de governo do seu partido, ao qual pertenciam na Assembleia Nacional Popular. Em consequência desse ato, o Conselho Nacional de Jurisdição do PAIGC decidiu expulsar os quinze deputados da nona legislatura através da sua bancada parlamentar, por meio de um requerimento no qual se solicitou à Comissão Permanente da Assembleia Nacional Popular a perda dos mandatos de deputados com base nos estatutos do partido. A Comissão aceitou o pedido de expulsão dos quinze deputados. Estes rejeitaram a deliberação da comissão permanente e a recorreram no Tribunal Regional, onde a juiz de direito Lassana Camará tomou a decisão de declarar nula e sem efeito a deliberação da comissão permanente do parlamento que retirou o mandato aos deputados. No entanto, para fazer valer a decisão da

comissão permanente, a mesa do ANP entrou com uma providência cautelar junto do Tribunal Regional de Bissau, que acabara por dar a razão à comissão permanente. Entretanto, os juizes conselheiros em plenária do Supremo Tribunal da Justiça, através de um acórdão divulgado pela imprensa guineense e internacional, acabaram declarando inconstitucional a decisão da expulsão dos quinze deputados. Conforme noticiado pela Agência de Notícias de Portugal (Lusa) citada pela RTP (2016), na opinião dos juizes do supremo, a deliberação da Comissão Permanente, “órgão que substitui o plenário do Parlamento nos intervalos das sessões, tem 'vícios de inconstitucionalidade material' na medida em que entra em conflito direto com as normas constitucionais”.

Após sua vitória judicial, os 15 deputados decidiram formar o movimento, Madem-G15 (Movimento para a Alternância Democrática - Grupo dos 15). O Madem-G15, além de ter uma presença forte na região leste do país, manteve uma aliança política com o Partido de Renovação Social, partido que advogou contra a perda dos mandatos dos 15 deputados.

A questão da etnicidade e da religiosidade, promovendo a divisão da sociedade geral, foi um dos temas que marcaram esses comícios eleitorais (Silva, 2022). Durante a primeira volta, o candidato Umaro Sissoco Embaló, do Madem-G15, partindo do princípio de que, quando não se consegue vencer um adversário sozinho, a aliança é a única forma para derrotá-lo, lança um apelo aos seus aliados para fazerem uma frente comum face ao candidato do PAIGC. O pedido de Embaló foi satisfeito na segunda volta das eleições: entre os candidatos que lhe deram seu apoio, contaram-se Alberto Mbunhe Nambeia, presidente do PRS (Partido da Renovação Social, terceira força política do país), Nuno Gomes Nabiam de APU-PDGB (Assembleia do Povo Unido-Partido Democrático da Guiné-Bissau, a quarta força política), Carlos Gomes Júnior e José Mario Vaz (Presidente cessante).

De acordo com os números dos votos divulgados pela Comissão Nacional das Eleições da Guiné-Bissau (CNE) (Comissão Nacional das Eleições, 2019), o candidato do MADEM-G15 venceu nas regiões dos líderes da aliança. Provavelmente, a aliança política desses partidos políticos foi feita com base na solidariedade étnica e regionalista, tendo em conta que a configuração social do país já vinha influenciando muito no ato de votação desde as primeiras eleições multipartidárias realizadas em 1994. Conforme a (CNE 2019), na região de Cacheu, de origem do Jose Mario Vaz, presidente cessante, num universo de 90 092 eleitores inscritos, Umaro Sissoco obteve 35 570 votos: 60,34%, enquanto Domingos Simões Pereira alcançou 23 380: 39,66%. Em Oio, a região berço dos líderes de APU-PDGB e do PRS, a segunda região do país com maior número de eleitores inscritos, perdendo apenas para o sector autónomo de Bissau, num total de 109 179 eleitores inscritos.

No setor autônomo de Bissau, Domingos Simões Pereira obteve a maioria dos votos, o que pode ser explicado, em parte, de acordo com a RTP (Rádio e Televisão Portugal) (2019), por declarações de Suzy Carla Barbosa, então Ministra dos Negócios Estrangeiros e Cooperação Internacional da Guiné-Bissau e membro do PAIGC. Em entrevista concedida à RTP (2019), Barbosa afirmou que, em contraposição, a população das regiões leste do país, como Báfata e Gabú, apresenta baixos níveis de alfabetização, o que comprometeria sua capacidade de tomar decisões eleitorais informadas. Segundo a ministra, muitos habitantes dessa região não teriam acesso ou entendimento suficiente dos programas dos diferentes partidos políticos. Além disso, Barbosa destacou que, no setor autônomo de Bissau, a escolha por Domingos Simões Pereira estaria associada ao seu alto nível de escolarização e reconhecimento internacional, fatores que gerariam grande admiração entre os jovens guineenses residentes na capital. Para ela, a predominância do PAIGC em Bissau também se explicaria pelo fato de o partido ser amplamente associado a uma base eleitoral mais esclarecida e à defesa da educação como um de seus principais pilares.

Algumas pessoas não concordaram com a vitória de Sissoco nas eleições presidenciais de 2019, justificando sua oposição com o argumento de que, por pertencer ao grupo étnico fula, ele não poderia governar a Guiné-Bissau. De acordo com Silva:

Em 07 de agosto de 2020, assisti à live do dia, quando foi anunciado que Umaro Sissoco Embaló era o vencedor das eleições contra Domingos Simões Pereira em 2019, que foi suportado pelo maior partido guineense, o PAIGC; alguns simpatizantes do DPS, como por exemplo, o Mário, em Portugal, fez uma transmissão ao vivo no seu Facebook alegando que o USE não pode ser presidente na Guiné-Bissau, porque ele não é puro guineense, porque é proveniente da etnia fula, que são pastores e imigrantes segundo a história e que USE pertencia ao Mali e não a Guiné-Bissau, por isso, os fulas não têm direito ao poder no país. Esse vídeo gerou uma repercussão nas redes sociais pelos guineenses e, principalmente, nas populações pertencentes à etnia fula, repudiando esse ato de tribalismo dirigido por esse cidadão (Silva, 2022, p. 38).

Esse episódio ilustra como o discurso étnico religioso continua a ser um fator determinante no cenário político guineense, influenciando discursos e percepções sobre legitimidade do poder. A reação gerada pelo vídeo demonstra como a identidade étnica é utilizada como argumento na disputa política, reforçando divisões que vão além das preferências partidárias. O caso evidencia a persistência de narrativas que associam determinados grupos a posições de poder refletindo desafios históricos e sociopolíticos. De acordo com o RFI (Rádio França Internacional, 2020), “Os amigos consideram-no (Umaro Sissoco Embaló) como um "humanista" que pode levar o país ao desenvolvimento. Os adversários apontam-lhe um discurso étnico e religioso, ligado ao extremismo islâmico. Às

acusações responde que é um muçulmano casado com uma católica”.

Uma das táticas que o Sissoco adotou durante sua campanha foi o uso do *kala*, um lenço que simboliza a peregrinação à cidade sagrada de Meca. Eventualmente, os muçulmanos profundamente religiosos se mostraram satisfeitos com a postura de Sissoco, argumentando que ele demonstrava respeito pelo Islã. A ida à Meca é uma das cinco obrigações fundamentais de um muçulmano. De acordo o jornal UOL A peregrinação consiste em uma série de ritos religiosos realizados na cidade sagrada e em seus arredores. Os fiéis percorrem diversos locais na Arábia Saudita, como Arafat, Muzdalifa e o Vale da Mina. Mas a jornada começa e termina, tradicionalmente, em Meca, onde o profeta Maomé iniciou a sua pregação. Sissoco utilizou essa estratégia de usar o *kala* para conquistar o apoio da maioria dos fiéis muçulmanos.

Domingos Simões Pereira não recebeu muito apoio dos candidatos que haviam se destacado na primeira etapa da corrida presidencial. Consequentemente, teve um desempenho bastante fraco no segundo turno. De fato, o postulante do PAIGC apresenta maior influência na cidade de Bissau e na mídia, enquanto outros candidatos possuem uma presença mais marcante nas outras diversas regiões do país.

A província leste (Bafatá e Gabú) constitui a maior base eleitoral do Movimento para Alternância Democrática Madem-G15. Essa província era do PAIGC; no entanto, a perdeu como sua base eleitoral em favor dos quinze dissidentes do partido. Na região de Oio, é um dos partidos, junto ao PAIGC, com maior influência. Assim, o PAIGC não conseguiu contar com o grande apoio nessas áreas, o que contribui significativamente para a derrota eleitoral de Domingos.

5 METODOLOGIA

Nesta secção, apresento os procedimentos adotados para a realização deste trabalho, desde a definição do tema até a análise de dados. A escolha do tema “O impacto do discurso político étnico-religioso nas campanhas eleitorais na Guiné-Bissau a partir de 2019”, surgiu do meu interesse em acompanhar a política guineense e analisar suas estratégias discursivas. Como estudante de Letras, encontrei no discurso um campo de estudo essencial para compreender o cenário político da Guiné-Bissau.

Inicialmente, fiz uma pesquisa bibliográfica usando combinações de palavras-chave como “democracia”, “Guiné-Bissau”, “política na Guiné-Bissau” ou “diversidade étnica”.

Dessa forma, busquei diversos textos em plataformas acadêmicas tais como Google acadêmico, Scielo, Portal de Periódicos CAPES, Repositório da Unilab. A partir dos textos encontrados a partir das buscas com palavras-chave, fiz uma leitura aprofundada e fiz os fechamentos dos textos para compreender melhor o país, seu contexto, política, sistema democrático e diversidade étnico-religiosa. Esse processo de leitura foi muito agradável e, com o que aprendi, consegui escrever sobre a política, a diversidade étnica e a democracia na Guiné-Bissau. O próximo passo da minha pesquisa foi ler e analisar textos selecionados para construir uma contextualização histórica. Na construção desse texto, li diversos autores que abordaram esse tema.

Continuando com a minha pesquisa, realizei um levantamento de imagens e vídeos dos candidatos da eleição de 2019, especialmente na rede social facebook. Optei por utilizar a plataforma facebook por ser uma das redes sociais mais acessadas pela população guineense. Além disso, é comum que a maioria dos ativistas, de diferentes partidos, realizem transmissões ao vivo (*lives*) nessa rede. Por essa razão, ao buscar os vídeos para a composição deste trabalho, recorri ao facebook como fonte principal. Encontrar e escolher os vídeos e as imagens dos candidatos não foi uma tarefa fácil. Foi necessário fazer uma ampla busca e pesquisa nessa rede social. Depois, escolhi quatro imagens de cada um dos candidatos que concorreram no segundo turno daquela eleição. Também selecionei um trecho de um vídeo de campanha eleitoral de 2019 de cada um deles. A escolha dos materiais obtidos através da rede social facebook foi através das páginas dos ativistas que têm o hábito de fazer *lives* no Facebook para o partido de cada candidato. Averigui as páginas de facebook e escolhi os materiais do meu interesse. Finalmente, procedi a uma análise comparativa dos materiais fotográficos e audiovisuais do corpus.

5.1 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresento a análise do corpus, isto é, do recorte de material fotográfico e audiovisual dos candidatos do segundo turno do pleito eleitoral de 2019, de modo a identificar e caracterizar elementos dos discursos políticos étnicos e religiosos durante as campanhas.

A) Imagens de eventos da campanha de Umaro Sissoco Embaló	
Foto A1	
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook, na página oficial de um dos ativistas do Madem-G15, Júnior Gagigo. A publicação tem a seguinte frase: OPERAÇÃO TURBADA. ASTA LÁ VITORIA USE link, https://www.facebook.com/junior.gagigo.5 acessada no dia 11/02/2025
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 27/12/2019, durante a campanha eleitoral para o segundo turno da eleição, na localidade de Bairro de Ajuda da cidade de Bissau. A publicação tem 230 curtidas, 12 comentários e 31 partilhas.
Descrição	Nesta imagem, observamos milhares de pessoas, muitas das quais estão usando <i>kala</i> na cabeça. Muitas delas também vestem camisetas brancas, estampadas com o rosto de Umaro Sissoco Embaló. A imagem retrata uma multidão reunida ao ar livre. O cenário inclui árvores e uma estrutura ao fundo, sugerindo um local amplo e estratégico para o evento político no qual participaria o candidato.

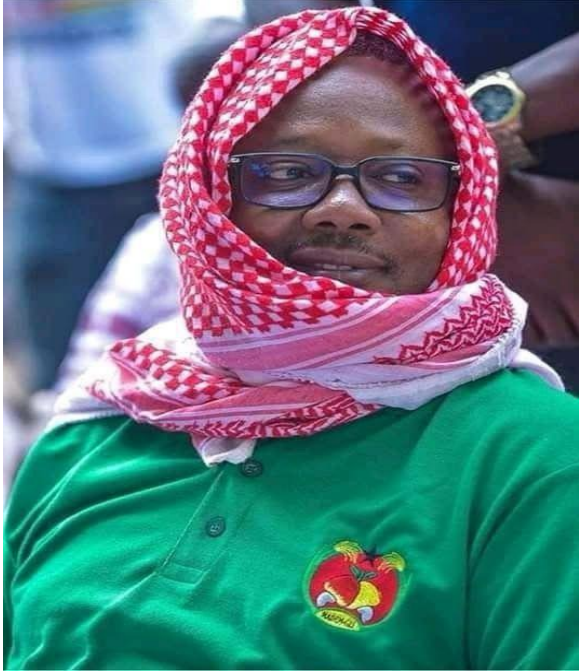
Foto A2	
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook no dia 17/12/2019, na página oficial de um dos ativistas do Madem-G15, R kelly Quebá Sané link, https://www.facebook.com/queba.sane, acessada no dia 11/02/2025. A postagem conta com 30 curtidas, 5 comentários e 11 partilhas. A publicação possui a seguinte frase: “Homi di povo”, que significa na língua guineense Homem do povo.
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 17/12/2019, durante a campanha eleitoral para o segundo turno da eleição. Na pesquisa não conseguimos localizar o local, porque não foi escrito na publicação.
Descrição	A imagem mostra Umaro Sissoco Embaló durante a campanha eleitoral de 2019 para a eleição presidencial na Guiné-Bissau. Ele está vestindo uma camisa polo verde com um emblema bordado no lado esquerdo do peito, representando o símbolo do Madem-G15, partido pelo qual concorreu. Ele está usando o <i>kala</i>, de cor branca e vermelha, sobre a cabeça, que simboliza uma conexão com a tradição cultural e religiosa muçulmana. Além disso, USE usa óculos de grau e tem uma expressão serena enquanto parece observar algo ao seu redor. O fundo da imagem sugere um ambiente público, eventualmente, um comício ou evento de campanha com pessoas ao seu redor.

Foto A3	
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook, na página oficial de um dos ativistas do Madem-G15 R kelly Quebá Sané, disponível em https://www.facebook.com/queba.sane acessada no dia 11/02/2025
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 27/12/2019, durante a campanha eleitoral para o segundo turno da eleição, na localidade de Safim, da região de Biombo. O vídeo conta com 400 curtidas, 30 comentários e 535 partilhas. Esta é a descrição da publicação: “Mudança Brutal.”
Descrição	A foto mostra duas figuras, Umaro Sissoco Embaló no lado direito e Carlos Gomes Júnior (antigo primeiro-ministro na Guiné- Bissau, que concorreu as eleições presidenciais de uma forma independente) no lado esquerdo. Carlos Gomes Júnior veste uma camisa social azul e uma calça clara, com kala no ombro e <i>sumbia</i> (é um chapéu que o Amical Cabral utilizava durante a luta armada) castanha na cabeça. Ele sorri enquanto aperta a mão do Carlos Gomes Júnior. Sissoco está vestido com uma bata azul, calça da cor cinza, kala na cabeça. Na imagem, aparece segurando um microfone. Aparecem cercados por várias pessoas, incluindo seguranças e jornalistas, que seguram celulares e gravadores. A mesa à sua frente está coberta com um pano de pente tradicional de cor azul. Nela há um cajado com as cores da bandeira do Madem-G15 e um bloco de notas com anotações. O cenário é de um ambiente ao ar livre.

Foto A4		
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook, na página oficial de um dos ativistas do Madem-G15 R kelly Quebá Sané, disponível em: https://www.facebook.com/queba.sane acessada no dia 11/02/2025	
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 18/12/2019, durante a campanha eleitoral para o segundo turno da eleição, na localidade Antula Bono, da cidade de Bissau. A publicação tem a seguinte descrição: “<i>Nó toma Bissau fep. Mudança brutal tem que acontece</i>”, o que, traduzido da língua guineense significa: “Dominamos a cidade de Bissau em seu todo. Mudança brutal tem que acontecer.” O vídeo contém 185 curtidas, 11 comentários e 13 partilhas.	
Descrição	Nesta imagem, observamos o Umaro Sissoco Embaló em um carro preto de luxo, com os braços abertos e segurando um cajado com as cores da bandeira do Madem-G15. Ele veste uma camisa branca com listras azuis e vermelhas, de manga comprida, e usa o kala na cabeça, reforçando sua identidade cultural. Ao redor dele, há seguranças e	

	membros de sua equipe de campanha, incluindo um homem com um colete refletor amarelo onde está escrita a palavra “Protocolo”, indicando a organização do evento. O ambiente reflete uma movimentação intensa, com muitas pessoas nas ruas, casas simples ao fundo e um céu limpo. Na fotografia, encontramos a presença de veículos, incluindo <i>toca-toca</i>, transporte local de cidade Bissau.
Inclui-se a seguir o trecho do discurso de Umaro Sissoco Embaló “Viva a kala, viva a kala, viva a kala. Vou vos dizer uma coisa, eu sou a solução para a Guiné-Bissau.” O vídeo do qual foi extraído foi publicado em 11 de novembro de 2019, durante o primeiro turno das eleições presidenciais daquele ano. O comício aconteceu em Gabú, na zona leste do país, onde Umaro Sissoco Embaló proferiu um discurso ao público local. O material foi divulgado na rede social facebook na página do jornalista Aliu Candé, da Rádio da Difusão Nacional (RDN); o vídeo conta com 57 curtidas, 29 comentários 2,7 mil visualizações. Tem 1 minuto e 58 segundos de duração. Encontra-se disponível em: https://www.facebook.com/share/v/16MqLhhahB/?mibextid=wwXIfr acessado no dia 11/02/2025	
<i>Bó tené bom fidju de de Gabú, bó tené bom fidju de Gabú. Dia suma aos bó na pui na cala. Viva kala, viva kala, viva kala. Na fala bós um kussa: ami i soluçon de Guiné-Bissau, Guiné-Bissau stá foticado a CEDAO a Nason Unidas. I fidju de Guiné k na toma Guiné-Bissau. Fidju de Guiné k na tomar, fidju de Gabu k na tomar. Na conta bós kuma, Guiné-Bissau i pirdi i stá na tchon ami k na tiral na tchon. Miste fala bós bó tené confiança na mi, bó perano pá nó obi utrus guintes. Ami bó obim djá, viva Gabú, viva Gabú, Viva Umaro Sissoco Embaló , Umaro Sissoco Embaló , Umaro Sissoco Embaló . Bó peram pam pudi bai pá lá palco. Má é falam kuma</i>	Vocês têm um bom filho de Gabú, vocês têm um bom filho de Gabú, no dia como este devem usar kala. Viva a kala, viva a kala, viva a kala. Vou vos dizer uma coisa: eu sou a solução para a Guiné-Bissau. A Guiné-Bissau está sendo dirigido pela CEDAO [Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental], pela ONU. É o filho da Guiné, de Gabú que vai resgatar o país das mãos da comunidade internacional. A Guiné-Bissau está perdida e no chão, mas garanto-vos que vou tirar o país da situação em que se encontra. Quero vos dizer uma coisa: tende confiança na minha pessoa. Como vocês já me ouviram, deixem-me passar a palavra

pa pam fica li pa bó odjam abós tudo. Anta na fica li, pá bó odjam abós tudo, pa tudo guinte odjam, pa tudo guinte odjam, má bó obi utrus guintes, má bó obi utrus guintes, má bó obi utrus guintes. Nfala bós kuma nstali ku presidente de Movimento Bá-fata, má na passa palavra pa Marciano nha mandatário pé papia ma bu na papia na carro pa tudo guinte odjau lá bó fica lá bó peram.

para os outros dirigentes do partido e os que estão a nos apoiar. Viva Gabú, viva Gabú! Viva Umaro Sissoco Embaló, viva Umaro Sissoco Embaló, viva Umaro Sissoco Embaló! Como estou em cima do carro, permitam-me subir para o palco. Pediram-me para ficar no palco para que todas as pessoas possam me ver. Então vou ficar aqui para vocês ouvirem outras pessoas como o presidente do Movimento Bá-fata. E ainda vou passar a palavra ao meu mandatário Marciano Silva Barbeiro, que vai vir aqui para fazer uso da palavra para que toda a gente possa vê-lo.

B) Imagens de eventos da campanha de Domingos Simões Pereira

Foto B1	
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook, na página oficial DSP Presidente, disponível em: https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente acessada no dia 03/02/2025.
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 27/12/2019, durante a campanha eleitoral para o segundo turno da eleição, na localidade Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira da cidade de Bissalanca, no sector de Safim, da região de Biombo. A imagem tinha 971 likes, 131 comentários e 80 partilhações. Na publicação estava escrita a seguinte frase: “O Reino de Bissalanca recebe o nosso próximo presidente da República, Domingos Simões Pereira. É o último dia de campanha que começa marcado pela motivação dos vencedores. Tchon na fria Pa Terra Ranka”.
Descrição	A imagem retrata um momento de caminhada durante um evento da campanha eleitoral para o segundo turno; o candidato Domingos Simões Pereira caminha pelo local acompanhado por apoiadores e membros de sua comitiva. O ambiente é de proximidade entre o político e a população. Na composição da imagem, nota-se um grupo de pessoas vestindo camisetas brancas personalizadas com a imagem do candidato e

	frases de campanha como “<i>Gossi i Guiné-Bissau</i>” (“Agora é Guiné-Bissau”). As camisetas possuem detalhes nas cores verde, amarelo e vermelho. Domingos Simões Pereira, posicionado no centro da imagem, usa um chapéu de aba curta, uma camisa social da cor bege, um pano de pente no pescoço, enquanto outro membro da comitiva também usa um traje semelhante, incluindo um chapéu e um pano de pente no pescoço. O cenário da foto sugere uma área rural, com um solo coberto por folhas secas, vegetação ao redor e algumas construções simples ao fundo. Além disso, há uma diversidade de expressões entre os presentes: algumas pessoas caminham de forma descontraída e sorridente, enquanto outras demonstram um semblante mais sério e atento.
Foto B2	
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook, na página oficial DSP Presidente, publicada no dia 19/12/2019, disponível em: https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente acessada 08/02 2025
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 19/12/2019, durante um comício da campanha eleitoral para o segundo turno da eleição presidencial, na localidade da região de Tombali. A imagem conta com 504 curtidas, 85 comentários e 70 compartilhamentos. A publicação conta com a seguinte descrição: “Domingos Simões Pereira está a conquistar mais apoios todos os dias, justamente por ser sério, ético e respeitar o país e o nosso povo. Na região Tombali é recebido com entusiasmo pelo povo. Muito

	mais do que lançar palavras ao vento, o acordo com o povo é um compromisso para que possamos reconstruir o nosso país. <i>Tchon na fria Pa Terra Ranka.</i>
Descrição	A imagem mostra Domingos Simões Pereira durante um comício de campanha eleitoral realizado no contexto do segundo turno das eleições presidenciais de 2019 na região de Tombali. Domingos aparece em pé, falando ao microfone, com um pano de pente sobre os ombros e usando chapéu branco com uma tira preta. Ele está diante de uma mesa coberta com pano de pente, acompanhado por apoiadores e membros do partido. Alguns com camisola e acessórios da campanha. Ao fundo estava presente a comunidade local.
Foto B3	
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook, na página oficial de DSP Presidente, disponível em: https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente acessada no dia 11/02/2025
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 11/11/2019, durante a campanha eleitoral para o primeiro turno da eleição. A publicação conta com 40 curtidas, 10 comentários e 20 compartilhamentos. A publicação possui a descrição: DSP Presidente.
Descrição	A imagem retrata DSP: ele aparece discursando com um semblante confiante, segurando um microfone na mão direita e um panfleto na esquerda. O microfone tem um adesivo com o logotipo da campanha, reforçando sua identidade política. DSP veste uma camisa social bege de

	manga cumprida e um chapéu branco com uma tira preta. Sobre os ombros, ele carrega um pano de pente tradicional azul, branco e vermelho. O fundo da imagem mostra uma estrutura de madeira e um tecido avermelhado, sugerindo que ele está em um palco ou em um espaço preparado para um comício. No canto inferior a esquerda há uma frase que diz “VOTA 1 DSP PRESIDENTE”, junto da indicação da autoria da fotografia.
Foto B4	
Fonte	Fotografia disponibilizada na rede social Facebook, na página oficial DSP Presidente, disponível em: https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente acessada no dia 11/02/2025
Contexto	Esta fotografia foi efetuada no dia 22/11/2019, durante a campanha eleitoral para o primeiro turno da eleição presidencial, no sector de Quinhamel, na região de Biombo. A publicação conta com 408 curtidas, 45 comentários e 67 partilhamentos, e tem a seguinte descrição: “Quinhamel recebe Domingos Simões Pereira com a certeza: será o nosso próximo presidente da Guiné-Bissau! Lideranças, jovens e adultos ao lado de Sol Maior. <i>Tchon Na Fria, Pa Terra Ranka!</i>”
Descrição	Na foto do encontro realizado em Quinhamel, à sombra de grandes árvores e diante da comunidade local, o líder do PAI TERRA RANKA,

	Domingos Simões Pereira, que veste uma camisa social de manga cumprida, um chapéu branco com uma tira preta e porta sobre os ombros um pano de pente tradicional azul e branco, é recebido e homenageado pelo régulo com o presente de um pano de pente e com um gesto, que mostra o apoio das autoridades tradicionais ao candidato, marcado por rituais e expressões culturais locais.
Inclui-se a seguir o trecho do discurso de Domingos Simões Pereira “Uns podem rezar na religião Católica, eu a rezar na Mesquita Muçulmana e outro a praticar a sua crença embaixo da Poilão”. Este vídeo foi produzido durante a campanha eleitoral para as eleições legislativas na Guiné-Bissau em 2023. Na ocasião, o PAIGC formou uma aliança com outros partidos, denominada <i>Pai Terra Ranka</i>, para disputar o pleito eleitoral. Domingos Simões Pereira ficou como a cabeça de lista para eleição. A gravação do vídeo foi realizada em Djabicunda e publicada na página do ativista do PAIGC, Hernani Kafft Kosta, na rede social facebook. O vídeo possui 11:51 minutos, 1,6 mil curtidas e 11 comentários. Disponível em: https://www.facebook.com/share/v/1SFgDabPfa/?mibextid=wwXIfr acessada no dia 05 fevereiro de 2025.	
<i>Nó bim fala mantenha na comunidade de Djabicunda, pabia nó plataforma inclusiva PAI TERRA Ranka i djunta partidos k reconheci de kuma tudo parte de território de Guiné-Bissau i pertensinu anós tudo. Ika pertenci um rassa, ika pertenci um relijon, ika pertenci um cor i pertensinu anós tudo, kila ku manda nó bim Djabicunda. Anós nó fala badja nó votado ohh nó ka votado ohh tudo guintes i di nós porque anós i PAIGC. Pabia de kila ku manda nó na fala i tem um kau ku nó para nel um alguim bim i fala nó na pidi bós desculpa, pabia na última eleição nó ka vota na bós. Nha garandes bó piritim</i>	Vimos aqui cumprimentar a comunidade de Djabicunda, porque a nossa Plataforma Inclusiva PAI TERRA RANKA é composta por todos os partidos que reconhecem que toda a parte do território da Guiné-Bissau pertence a todos nós. E este território não pertence a nenhuma etnia, religião, cor, pertence a todos nós, por isso que viemos a Djabicunda. Já tínhamos dito anteriormente: caso sejamos escolhidos para governar, todas as pessoas estarão conosco, porque somos o PAIGC. Por este facto vamos vos dizer que há uma localidade em que passamos em que alguém veio nos pedir desculpa porque

pam fala bós um kussa, ika anós ku bó na pidi desculpa, ika ami ku bó na pidi desculpa, ika Regala ku bó na pidi desculpa, ika nim um som de nós ku bó na pidi desculpa. Aos i tem manga de guinte ku miste tratano suma ospre na Djabicunda, nó na sedo ospre na tudo lado, na Djabicunda não. N’cumé na casa de tudo guintes, nbibi cê iagu i família ou ika família, inha ermon ou ika nha ermon. Mas gossi guintes na bim fala bós ami ika bó ermon pabia nkata rassa na bó Igreja. N’conta bós el kil dia, kim ku ta rassa kim ku ka ta rassa elis tudo i ermons. Ika tem divisão entre kim ku ta rassa ku kim ku ta rassa. I tem só dus tipo de pecadur kil ku fia na Deus ku kim ku ka fia na Deus. Kila só ku tem, bu pudi rasa na Igreja católica, ami n’rassa na misquita, kil utru bai bas de polon si nó ta rassa anós tudo nófia na Deus agora kil alguim k nu odja ina bim dinoite, ina conta utru tipo de kussa kila ka medi Deus. Porque kim ku ta rassa independentemente de kal religião ki ta rassa nel i ta sinadu um kussa tanto na religião muçulmana suma na religião católico e religion de matriz africanu. Ké ku ta sinado, ita

falado kuma tudo pecadur k bu odja tratal dritu, pabia bu ka sibi si contra Deus ku firma lá, trata kil alguim dritu. Hora k nu odja alguim na bim ina falou

nas últimas eleições não votaram no nosso partido. Meus anciãos, permitam-me lhes dizer uma coisa: Não sou eu a quem vocês devem pedir desculpas, régulos, e nem a nenhum de nós. Hoje tem gente que quer nos tratar como hóspedes aqui em Djabicunda; podemos ser hóspedes em todo lugar, mas não em Djabicunda. Já comi em casa de muitas pessoas, bebi a sua água: será que estas pessoas não são minha família, são família ou não são? São os meus irmãos ou não? Entretanto, há pessoas que vieram aqui para vos dizer que não sou o vosso irmão, porque não rezo na vossa Igreja. Tinha vos dito noutra dia que tanto quem pratica a reza como quem não prática são irmãos. Não há divisão entre eles. Existem dois tipos de pessoas: quem acredita em Deus e quem não acredita. Uns podem rezar na religião Católica, eu rezar na Mesquita e outro praticar a sua crença embaixo da Poilão. Todos nós acreditamos em Deus, basta só cumprir com as nossas convicções religiosas. Agora, devemos desconfiar daquelas pessoas que vêm à noite para nos dizer outro tipo de conversa e não têm medo de Deus. Porque alguém que pratica a reza, independentemente da religião, ensina uma coisa, tanto no Islam como no Catolicismo ou na Religião de Matriz

<i>mal de utru alguim, tal flanu ka gosta de muçulmanos, tal flanu ta fassi de tal kussa, kil alguim ka medi Deus”.</i>	Africana: a tratar as pessoas com respeito, porque ninguém sabe se aquela pessoa é Deus; é por isso que é bom tratar as pessoas bem. Quando ver uma pessoa que está a falar mal de alguém dizendo que Fulano não gosta dos muçulmanos, que Fulano faz certas coisas, saiba que esta pessoa não tem medo do Deus.
--	---

Com base nas fotografias analisadas dos dois candidatos que foram escolhidas nas páginas dos seus respetivos partidos e influenciadores no facebook, destacamos que o ponto comum dos dois candidatos reside no uso de indumentárias específicas a fim de reafirmarem as suas identidades durante a campanha eleitoral tanto nos aspectos étnico como religioso. Em relação ao candidato do PAIGC (Domingos Simões Pereira) apesar de ter alegado, como foi possível conferir no trecho do vídeo incluído no corpus, ter o intuito de governar para a inclusão de todos sem excluir ninguém, independentemente da sua etnia, crença religiosa e condição social, sem guineense de primeira ou segunda, é importante destacar que, no decorrer do pleito eleitoral, como foi possível conferir na análise das fotografias, sempre apareceu usando chapéu, um símbolo elitista na Guiné-Bissau que é associado a um determinado grupo étnico, o dos chamados “civilizados”, que são considerados superiores às outras etnias. No que se refere ao candidato do Movimento para a alternância democrática, Umaro Sissoco Embaló, embora no seu discurso, como pôde ser verificado no extrato do vídeo incluído no corpus, se considere o único candidato que vai unir todos os filhos da Guiné-Bissau e resgatar a soberania do país enquanto uma Nação, ao longo de todo o processo eleitoral, apareceu sempre fazendo uso da kala, um símbolo religioso que é conectado a uma determinada religião (a muçulmana) e a determinados grupos étnicos da Guiné-Bissau tradicionalmente associados a ela.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ROUPA COMO DISCURSO NA POLÍTICA

Apesar de que a Lei do Quadro dos Partidos Políticos da Guiné-Bissau (Lei n.º 2/91 da Guiné-Bissau, 1991), nos termos dos artigos 5 e 31, estabelece que

fica expressamente vedada a constituição de qualquer tipo de partido de natureza regional, local ou tribal. Os partidos políticos são independentes das confissões religiosas, dos sindicatos das organizações de atividades econômicas, não podendo com estas entidades estabelecer quaisquer laços orgânicos.

Entretanto, a Guiné-Bissau, um país composto de diferentes grupos étnicos e sem uma unidade religiosa ao longo dos anos, assistiu, nas eleições de 2019 (e tem assistido em eleições posteriores), à propagação massiva do uso de símbolos étnicos e religiosos por parte de candidatos dos partidos políticos nas suas campanhas eleitorais. Nesta pesquisa, destacamos os dois candidatos que disputaram o cargo de Presidente da República no segundo turno da eleição de 2019, Domingos Simões Pereira, do PAIGC, e Umaro Sissoco Embaló, da MADEM-15, e vimos como cada um fez uso, nos atos de campanha durante todo o processo eleitoral, de determinados objetos (particularmente, peças de roupa, elementos de sua indumentária) que tendem a ser associados pelo eleitorado a grupos étnicos e religiosos específicos. Nesse sentido, Deniza Clarice Gurgel de Freitas Cezário considera necessário

levantar o debate de que as vestimentas de lideranças podem ser usadas para contar histórias e transmitir mensagens. Elementos de imagem pessoal também são recursos disponíveis para difundir ideias, ideologias e posicionamentos políticos, podendo inclusive gerar gatilhos para produção de conteúdo espontâneos nas redes sociais pelos próprios usuários dos ambientes digitais (2024, p. 17).

A roupa como discurso na política, na Guiné-Bissau, está associada a identidades culturais específicas. Assim, em algumas figuras políticas guineenses, verifica-se a recorrência do uso personalizado de algum tipo de objeto como forma de marcar a sua identidade política em momentos de campanha eleitoral. Como marca/identidade política, isso permite ao candidato ser facilmente identificado pelos eleitores. Para garantir a eficiência dessa marca ou identidade política, nascem os discursos de índole segregacionista/regionalizados tanto pelos próprios candidatos quanto pelos eleitores.

Há um aspecto que merece uma análise cuidadosa: é possível que um determinado candidato execute uma ação com uma intenção, mas a população associe sua ação com uma intenção diferente. Muitas vezes, os eleitores não consideram esse fator. Todavia, pela sua recorrência, podemos observar que a utilização de chapéu durante a campanha eleitoral de

Domingos Simões Pereira e o uso da kala por Umaro Sissoco Embaló não ocorre por acaso. O emprego da Kala e do chapéu nas campanhas eleitorais demonstra uma valorização de certas práticas. Há uma identificação significativa para alguns eleitores, mesmo que o candidato não tenha se manifestado sobre a escolha do vestuário (embora, como vimos em seu discurso, Sissoco se refira a essa escolha também em seus discursos). A vestimenta se mostra uma ferramenta poderosa nos pleitos eleitorais para atrair votos e marcar posicionamentos políticos.

Nesse sentido, num outro contexto completamente diferente, o movimento sufragista do século XX, de acordo com Juliana e Taísa Vieira, a indumentária agregava não somente questões visuais, mas estava ligada a símbolos e metáforas pregadas pelo movimento, no qual o vestuário passou a ser um veículo propagador dos ideais dessas mulheres. Assim, a importância da indumentária no movimento sufragista do século XX, ressalta que o vestuário vai além da estética para assumir um papel simbólico e político. As roupas e ornamentos usados pelas sufragistas, assim como pelos políticos guineenses, não são apenas expressões visuais, mas também estratégias de comunicação que ajudam a propagar ideias. Na pesquisa de Juliana e Taísa Vieira (Letenski; Sena, 2017), a proposta se concentra na análise do figurino da personagem principal do filme *As Sufragistas* para apontar que a representação dessas vestimentas na mídia ou no teatro pode oferecer uma compreensão mais profunda sobre a simbologia e o impacto visual da indumentária no movimento sufragista, uma vez que o vestuário não só acompanhava a luta dessas mulheres, mas também servia como ferramenta de empoderamento e identidade.

A indumentária como discurso na política, desta forma, vai além da estética: ela se torna um poderoso instrumento de comunicação e persuasão. O modo como o candidato se veste transmite mensagens sobre a sua personalidade, valores e ideologia, o que influencia decisivamente a percepção dos eleitores.

As roupas, as cores e até os acessórios escolhidos ajudam a construir uma identidade visual marcante, tornando o candidato mais facilmente reconhecível pelo seu público. Além disso, o vestuário parece reforçar a conexão com determinados grupos sociais, demonstrar proximidade com a população ou até mesmo reforçar um posicionamento ideológico.

Já que, para Gilson Monteiro (1997), “de uma forma geral, a roupa sempre representou algo de mitológico e uma marca da separação da sociedade em castas e classes” e que, na política, nada é por acaso e cada detalhe conta, nesse âmbito a indumentária se transforma em um discurso aparentemente silencioso, mas altamente estratégico, capaz de atrair a atenção (e o voto) dos eleitores.

REFERÊNCIAS

50°C e 2 milhões de fiéis: como é peregrinação a Meca que deixou mil mortos. **UOL Notícias**, 21 jun. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/06/21/calor-mata-centenas-em-meca-saiba-mais-sobre-a-peregrinacao.htm> Acesso em: 21/04/2025

AMONA, Dingana Paulo Faia. **Narrativas sobre a Guinendade/i**: identidade nacional e diversidade étnica na Guiné-Bissau. Universidade Federal de Ceará, Fortaleza, 2020.

CABRAL, Amílcar. A questão da língua. **Papia**, Brasília.v 1,n.2, p,59-61, 1990.

CANDÉ MONTEIRO, Artemisa Odila. **Guiné-Bissau**: da luta armada à construção do Estado-Nacional e diversidade Étnica (1959-1994). 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CARDOSO, Carlos. A transição democrática na Guiné-Bissau: um parto difícil. **Lusotopie**, nº2, p. 259-282, 1995.

CEZÁRIO, Deniza Clarice Gurgel de Freitas. A semiótica do vestir político: cores como ferramenta de comunicação ideológica. **Revista Acadêmica Digital**. Julho, 2024.

Dados Mundiais.com. Guiné-Bissau República Semi-presidencial. Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/africa/guine-bissau/index.php> Acesso em: 16 ago. 2025.

DSP PRESIDENTE. Domingos Simões Pereira está a conquistar mais apoios todos os dias, justamente por ser sério, ético e respeitar o país e o nosso povo. Na região Tombali é recebido com entusiasmo pelo povo. Muito mais do que lançar palavras ao vento, o acordo com o povo é um compromisso para que possamos reconstruir o nosso país. Tchon na fria Pa Terra Ranka. **Facebook**, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente> Acesso em: 08.fev.2025.

DSP PRESIDENTE. DSP Presidente. **Facebook**, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente> Acesso em: 11 fev. 2025.

DSP PRESIDENTE. O reino de Bissalanca recebe o nosso próximo presidente da República, Domingos Simões Pereira. É o último dia de campanha que começa marcado pela motivação dos vencedores. Tchon na fria Pa Terra Ranka. **Facebook**, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente> Acesso em: 3 fev. 2025.

DSP PRESIDENTE. Quinhamel recebe Domingos Simões Pereira com a certeza: será o nosso próximo presidente da Guiné-Bissau! Lideranças, jovens e adultos ao lado de SOL MAIOR. Tchon Na Fria, Pa Terra Ranka! **Facebook**, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top?q=dsp%20presidente> Acesso em: 11 fev. 2025.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **PAPIA**, nº18, p. 101-107, 2008.

GAGIGO, Junior. OPERAÇÃO TURBADA. ASTA LÁ VITORIA USE. **Facebook**, 2019.

Disponível em: <https://www.facebook.com/junior.gagigo.5> Acesso em: 11 fev. 2025.

GARRIDO, Jorge Rafael Martins. **Missões de observação eleitoral no Sul Global: o caso da Guiné-Bissau**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Portugal, 2020.

GOMES, Basualdo Ireneu dos Reis. **A importância da unidade nacional e binacional na luta armada para libertação da Guiné-Bissau (1959-1974)**. 2023.

GRANDE ENTREVISTA África Suzi Barbosa. **RTP ÁFRICA**. 31 mar. 2019. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p5756/e403711/grande-entrevista-africa> Acesso em: 19 abr. 2025.

GUINÉ-BISSAU. Comissão Nacional de Eleições. **Resultados provisórios das eleições para presidência da república segunda volta**. CNE, Bissau, 2019.

GUINÉ-BISSAU. **Constituição da República da Guiné-Bissau**. Promulgada em 16 de maio de 1984. Imprensa nacional da Guiné-Bissau. Avenida do Brasil - Bissau. 1984.

GUINÉ-BISSAU. Lei n.º 2/91, de 9 de Maio. **Lei Quadro dos Partidos Políticos**. Diário da República, Bissau, 1991. Disponível em: <https://www.parlamento.gw/leis/legislacao/lei-quadro-dos-partidos-politicos> Acesso em: 19 abr. 2025.

JARJU, Abdou. **A instabilidade crónica da Guiné-Bissau: Do golpe de Estado de 1980 a 2018**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2019.

KOSTA, Hernani Kafft. Discurso de DSP em Djabicunda. **Facebook**, 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/v/1SFgDabPfa/?mibextid=wwXlfr> Acesso em: 5 fev. 2025.

LETENSKI, Juliana; SENA, Taísa Vieira. As sufragistas: moda e discurso político. **4º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica**, 11 a 15 de outubro UNESP-Bauru São Paulo 2017.

LUSA. Supremo Tribunal da Guiné-Bissau declara nula a expulsão de 15 deputados do Parlamento. **RTP**, 2016. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/supremo-tribunal-da-guine-bissau-declara-nula-a-expulsao-de-15-deputados-do-parlamento_n909219 Acesso: 11 nov. 2024.

MONTEIRO, Gilson. **A metalinguagem das roupas**. Artigo publicado na Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 1997.

O “GENERAL do povo” que queria ser presidente. **RFI**. 1 jan. 2020. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/guin%C3%A9-bissau/20200101-o-general-do-povo-que-queria-ser-presidente> Acesso em: 15 nov. 2024.

PROENÇA, Paulo Sérgio. Línguas africanas devem ser oficializadas? In TIMBANE, Alexandre Antônio; FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.). **As línguas africanas e o português na África lusófona: reflexões, descrições e política de ensino**. 1. ed. Belém-PA: Home Editora, 2023.

SANÉ, R kelly Queba. Homi di povo. **Facebook**. 2019. Disponível em:

<https://www.facebook.com/queba.sane> Acesso em: 11 fev. 2025.

SANÉ, R kelly Queba. Mudança Brutal. **Facebook**. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/queba.sane> Acesso em: 11 fev. 2025.

SANÉ, R kelly Queba. Nó toma Bissau fep. Mudança brutal tem que acontece. **Facebook**. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/queba.sane> Acesso em: 11 fev. 2025.

SANGREMAN, Carlos; SOUSA, Fernando Jr.; ZEVEIRINO, Guilherme; BARROS, Miguel. **A evolução política recente na Guiné-Bissau**: as eleições presidenciais de 2005, os conflitos, o desenvolvimento, a sociedade civil. Centro de Estudos Sobre África e do Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. CESA - Documentos de Trabalho nº 70/ Lisboa. 2006.

SCANTAMBURLO, Luigi. O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português: o Ensino Bilingue Português-Crioulo Guineense. Tese de doutorado. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa: 2013.

SILVA, Domingas da. **O tabu e o visível: tribalismo e política na eleição de 2019-2020 em Guiné-Bissau**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia UFC/UNILAB, Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, 2022.

SILVA, Francisco Henriques da; SANTOS, Mário Beja. **Da Guiné Portuguesa à Guiné-Bissau**: um roteiro. Porto: Fronteira do Caos, 2014.

SILVA, Nelo Augusto da. **Poderes estatais e autoridades tradicionais na Guiné-Bissau (1994-2018)**. Universidade Federal da Fronteira Sul. Dissertação de Mestrado. 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017 SUMA, Nando Paulo. **Democracia e comportamento eleitoral na Guiné-Bissau**: um estudo sobre a influência da etnicidade nas eleições presidenciais de 2019. 2023.